

JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA:
caracterização de situações-tipo e organizações juvenis

Cortadores de cana do interior do estado de São Paulo

RELATÓRIO DAS SITUAÇÕES-TIPO BRASIL

Jovens migrantes canavieiros: entre a enxada e o facão

José Roberto Pereira Novaes - economista, UFRJ (Coord.)
Flávio Conde - jornalista e pesquisador, Religare
Roberta Maiane - graduanda de História, UFRJ
Tais Zeitune - graduanda em Geografia, UFRJ

Coordenação



Apoio



Setembro 2007

Sumário

Apresentação	4
1. Jovens, migrantes, canavieiros: contexto, características e demanda	4
2. Elementos para uma etnografia da situação estudada	9
3. Percepções, vivências e demandas entre jovens canavieiros	16
4. Percepções sobre a Pastoral, o sindicato e recados aos governantes	25
5. Considerações finais	28
Notas	30
Referências Bibliográficas	31

Apresentação

Este relatório de pesquisa integra o Projeto Juventude e Integração Sul-Americana, realizado por meio de uma parceria entre Ibase/Pólis/IDRC. Focaliza particularmente um segmento de jovens que se desloca do Nordeste, anualmente, para o trabalho na lavoura canavieira das modernas usinas de São Paulo. São jovens migrantes sazonais. Esses jovens rapazes permanecem em sua terra natal de dezembro a maio, período de entressafra da cana. No Nordeste essa é a época de trabalho na terra, do plantio dos roçados – denominação utilizada para designar a agricultura familiar na qual predominam os cultivos de mandioca, milho e feijão. Esses jovens, procedentes de famílias pobres, socializados na luta pela sobrevivência, sabem manusear a enxada. Seu corpo foi talhado para o trabalho duro. Quando se aproxima o mês de abril – como em uma revoada – movimentam-se para o trabalho nos canaviais de São Paulo. É o momento de trocar o trabalho no roçado pelo trabalho no canavial. É o tempo de trocar a enxada pelo facão.

Com a partida dos jovens as cidades se esvaziam, o movimento do comércio diminui. Nas famílias e entre namoradas ficam saudades, lembranças. Situação oposta se passa na periferia das cidades do interior de São Paulo com a chegada desse contingente de jovens trabalhadores. Ali as usinas começam a expelir suas primeiras fumaças pela chaminé significando o início da safra, o tempo de trabalho nos canaviais. Oportunidades de trabalho florescem, expectativas se adensam. Longe da terra e da família, esses jovens convivem não só com a dureza do trabalho, com diferenças climáticas, mas também com os preconceitos por serem nordestinos.

Nosso objetivo neste relatório é contextualizar o trabalho desses jovens no âmbito da produção canavieira; apresentar um conjunto de trajetórias de jovens que vivenciam a experiência de migrar para cortar cana; conhecer suas percepções do presente e sonhos de futuro; localizar seus aliados e opositores, apreender e compreender suas demandas. Para tanto dividiremos este relatório nas seguintes partes: 1. Jovens, migrantes e canavieiros: contexto, características e demandas; 2. Elementos para uma etnografia da situação estudada; 3. Percepções dos jovens canavieiros: resultados de pesquisa.

1. Jovens, migrantes, canavieiros: contexto, características e demandas

1.1 Histórico e transformações recentes do trabalho na produção canavieira

As migrações internas no Brasil do século XXI se fazem entre cenas de riqueza e de miséria. Continuidades e modificações nos movimentos populacionais do Nordeste para o sul do país podem ser entendidas por meio de uma conjugação de fatores históricos e conjunturais. Ou seja, é preciso relacionar a disponibilidade para viajar em busca de trabalho com transformações que ocorrem também nos locais de origem e de destino.

Até os anos 50, a cana-de-açúcar no Brasil se concentrava no Nordeste. A expansão da produção dessa agroindústria em São Paulo se intensificou na década de 50 com a valorização do açúcar no mercado internacional, com o crescimento do mercado interno, com o direcionamento de investimentos, antes alocados na cafeicultura e em outros setores econômicos, para a implantação de novas usinas açucareiras e a aquisição de terra para o plantio da cana.

No início da década de 60, uma nova fase expansionista do setor foi conseqüência das medidas restritivas impostas pelos Estados Unidos ao açúcar cubano, depois da revolução de 1959. O Brasil se beneficiou dessa restrição e teve aumento de cota no mercado preferencial americano. No início da década de 70 o processo de expansão, modernização, concentração e centralização da produção do açúcar e do álcool no Brasil teve como suporte os Programas de Racionalização e Apoio da Agroindústria Açucareira (1971-1972), o Planalsucar e o Programa Nacional do Álcool – Proálcool (1975, que alteraram a dinâmica econômica dessa agroindústria com a implantação de destilarias anexas e autônomas.

Nesse período as inovações tecnológicas se concentraram nas usinas, isto é, na parte industrial. A incorporação das novas tecnologias na lavoura canavieira foi mais lenta. Logo, a maior necessidade de matéria-prima das usinas foi suprida pela expansão dos canaviais. A partir dos anos 80 essa realidade começou a mudar. O aumento da produção de cana passou também a ser decorrência da incorporação de novas variedades, de novas técnicas de cultivo e da mecanização da lavoura.

Com essas mudanças uma nova racionalidade produtiva foi implantada no setor fazendo com que o território de muitas usinas deixasse de ser o espaço exclusivamente produtor dos derivados da cana. Outras atividades passaram a compartilhar esse espaço: reflorestamento, fruticultura, piscicultura, pecuária etc. Por outro lado, as usinas diversificaram a produção e começaram a produzir, além do açúcar tradicional e do álcool, ração, energia, adubo, outros tipos de açúcares etc.

Esse processo mudou o perfil dos empresários do setor. O usineiro pulverizou seus investimentos para outras atividades (turismo, comércio, indústria, especulação com terra), como também empresários que acumularam riqueza em outros setores da economia passaram a investir na compra de usinas e terra para a plantação de cana. As oligarquias regionais se nacionalizaram e não mais se diferenciam de outros segmentos dominantes.

Assim sendo, a lavoura da cana cresceu em São Paulo e atraiu trabalhadores de outras regiões para o trabalho na safra. Esses trabalhadores chegavam em grupos e eram identificados pela população local pelos lugares de procedência. Viviam em comunidades e eram chamados de mineiros, baianos, paranaenses.

As idas e vindas desses trabalhadores estavam condicionadas ao calendário agrícola, à complementaridade entre o trabalho na terra com a família, no local de origem, e o trabalho com a cana, como assalariado, no interior de São Paulo. Com as dificuldades de se manterem na terra, no Nordeste, muitos desses trabalhadores acabaram ficando no interior de São Paulo, trouxeram mulher e filhos ou constituíram famílias novas. Essas famílias passaram a ser referência para outros migrantes que chegavam e partiam.

Nos anos 80, movimentos de trabalhadores – particularmente com a greve de Guariba (1984) – e mobilizações realizadas antes da implantação do governo da Nova República (1985) resultaram em ganhos econômicos e melhoria das relações de trabalho. Nos anos seguintes essas conquistas foram se perdendo, e não houve reações e mobilizações sindicais do mesmo porte.

Com efeito, na década de 90 e nos anos 2000, a realidade do trabalho nos canaviais mudou muito. Devido às boas perspectivas do mercado internacional do álcool, como alternativa de energia renovável e menos poluidora que o petróleo, aceleraram-se a modernização da lavoura canavieira e a expansão das atividades da agroindústria canavieira. Além disso, o mercado internacional do açúcar, nos últimos anos, também atravessa uma conjuntura favorável. As restrições aos subsídios para a exportação do produto, impostas aos produtores europeus pelo Mercado Comum Europeu, e a competitividade da produção brasileira no mercado internacional têm atraído investimentos de grupos internacionais para essa agroindústria no Brasil.

Conforme números divulgados na grande imprensa, é bastante significativa a expansão das atividades dessa agroindústria: “Nos próximos cinco anos (até 2010) serão implantadas 90 novas usinas no Brasil, incorporando uma área plantada de cana de 2,7 milhões de hectares aos 6 milhões de hectares já ocupados pela lavoura no país. Com essa incorporação a produção deverá saltar dos 425 milhões de toneladas projetadas para a safra 2006/07 para 550 milhões de toneladas em 2010. Durante esse período a capacidade de produção será ampliada em São Paulo com a construção de 39 novas usinas e modernização das unidades já existentes” (FSP, 19/2/2006).

Toda essa expansão exige a incorporação de tecnologias e novos arranjos produtivos. Formas tradicionais de gestão foram substituídas por uma nova estrutura gerencial e administrativa, atendendo as particularidades tecnológicas de cada setor da empresa. Assim, alterou-se a dinâmica do mercado de trabalho, a reestruturação do quadro de pessoal extinguiu postos de trabalho, acarretando demissões, e criou novas funções. A incorporação das novas tecnologias tornou necessária a contratação de profissionais mais qualificados: engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, engenheiros químicos, mecânicos, técnicos em administração etc. Para o corte da cana, as empresas passaram a exigir maior produtividade, eficiência e disciplina no trabalho.

No entanto, a expansão da lavoura nas últimas safras da cana se fez por meio da coexistência de dois sistemas de corte nos canaviais. Na área das modernas usinas paulistas, convivem o sistema de corte manual e o sistema mecanizado. A proporção de

utilização de um ou outro sistema varia de acordo com as estratégias de investimento de cada empresa que considera a topografia de suas unidades de produção para decidir entre colheitadeiras mecânicas e trabalho manual.

Atualmente o sistema mecanizado de corte da cana corresponde a 35% da área de cana colhida no estado de São Paulo. De maneira geral, porque foi grande o crescimento da área plantada de cana no estado¹ e o espantoso crescimento do corte mecanizado nos últimos anos não alterou significativamente a proporção de sua utilização. Contudo, há outros elementos em jogo quando se fala em utilização do corte manual e se aposta na incorporação do corte mecanizado em todas as unidades produtoras de cana-de-açúcar. Destacaremos aqui três deles.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que a proibição da queimada reduziria mais diretamente a produtividade do corte manual. Acontece que o Decreto Estadual 42.056, de 6/18/1997, que previa a extinção da queima para o corte mecanizado em oito anos e 15 anos para o corte manual, não entrou em vigor. Os usineiros pressionaram os deputados e estes flexibilizaram os prazos e as metas para a eliminação da queimada nos canaviais. A Lei 11.241 estende o prazo para 2021 para o sistema mecanizado e para 2031 para o sistema manual. Mais recentemente o governo paulista reduziu este prazo para 2017.

Em segundo lugar, podemos falar em “condições naturais” para a introdução das máquinas. Diferenças topográficas da região também contribuem para que a expansão do corte mecanizado não se faça em um processo progressivo e linear. De fato, as colheitadeiras exigem certas condições técnicas e operacionais nem sempre disponíveis nos canaviais.

Em terceiro lugar, o aumento substancial da produtividade do trabalho e o baixo custo da mão-de-obra do corte manual tornam-se obstáculo ao crescimento do corte mecanizado.

Assim sendo, a ampliação do prazo de eliminação da queimada e as limitações de parte dos terrenos onde se planta cana resultam na convivência de distintos “padrões tecnológicos”, entre dois sistemas de cortes – o mecânico e o manual.

Ou seja, o (novo e híbrido) padrão tecnológico pressupõe um novo perfil de trabalhadores. Nesse contexto as migrações de trabalhadores do Nordeste para São Paulo também se modificam. Com efeito, as mudanças ocorridas nos últimos anos na lavoura canavieira contribuíram para modificar as dinâmicas das migrações sazonais, das idas e vindas anuais dos trabalhadores para a colheita da safra da cana. Em sua nova dinâmica o mercado de trabalho canavieiro combina trabalhadores com contrato por tempo indeterminado com residência fixa; trabalhadores migrantes que ficam por mais de uma safra com diferentes tipos de contrato de trabalho na safra e na entressafra e, finalmente, trabalhadores migrantes safristas, via de regra arregimentados por empreiteiros que prestam serviço para diferentes usinas. Entre os migrantes safristas, nosso recorte recairá sobre o segmento de jovens entre 18 e 29 anos. Afinal, a convivência entre corte mecanizado e corte manual não apenas produz mudanças na organização do trabalho agrícola, resultando em maior diferenciação entre os trabalhadores no que se refere aos tipos de contrato de trabalho e ao local de moradia, mas também impõe outro ritmo ao trabalho no corte manual. É nesse contexto que se buscam trabalhadores em plena força física. Ou seja, os mais jovens.

1.2 A situação-tipo escolhida: antecedentes e justificativa

Como já foi dito, a expansão da agroindústria – ao combinar mecanização e trabalho manual – ampliou a demanda de trabalho temporário. Na safra de cana de 2006 a Unica (União dos Empresários da Indústria Canavieira) estimou a vinda de 70 mil trabalhadores migrantes para São Paulo; cifras do movimento sindical contabilizaram 100 mil trabalhadores. Assim, o crescimento e a modernização dessa agroindústria alteraram a dinâmica do mercado de trabalho: as empresas passaram a contratar trabalhadores com perfis diferenciados de para funções e momentos da produção. Uma maior segmentação do mercado de trabalho se faz a partir de diferentes critérios: tarefas da safra e da entressafra; tipo de contrato de trabalho (temporário ou permanente); tipo de contrato de trabalho e de alojamento para os trabalhadores temporários. Na interseção desses diferentes critérios, para o corte da cana manual, quem tem perfil mais adequado é o trabalhador migrante nordestino, e entre estes se destacam os jovens rapazes.

Em síntese, para o corte manual da cana, ser jovem e ser migrante tornaram-se dois atributos altamente valorizados nesse segmentado mercado de trabalho. Explicando melhor: migrantes nordestinos, morando na periferia das cidades da região, em alojamentos coletivos, casa ou quartos alugados, vivendo totalmente voltados para o trabalho, são potencialmente mais produtivos. Isso porque ser trabalhador migrante significa estar sujeito ao controle do empregador para além do estrito tempo da produção.

Contudo, entre tais trabalhadores migrantes há outro aspecto diferenciador: ser jovem faz diferença. O que não significa apenas ter força, resistência física. Significa também ter uma específica disposição para o trabalho alavancada pelo momento do ciclo de vida quando – via de regra – prevalece a busca, o desejo de “ser alguém na vida”, motivação indispensável para os jovens enfrentarem a rotina e a disciplina no trabalho. Afinal, para eles, filhos de agricultores nordestinos, o trabalho é o único caminho para a realização de projetos pessoais e familiares.

Certamente o critério etário não é claramente explicitado pelos arregimentadores de mão-de-obra. Porém, não é difícil comprovar a hipótese de que a idade se tornou um critério no recrutamento de mão-de-obra para o corte da cana. Trata-se de uma evidência que salta aos olhos: nos ônibus que saem do Nordeste para as usinas de São Paulo, nos canaviais e nos alojamentos das usinas. Na safra de 2005, tivemos acesso a um significativo conjunto de carteiras de trabalho (1.269 carteiras) que tinham sido entregues pelos trabalhadores a uma empresa de contabilidade na cidade de Cosmópolis (SP) para que fosse finalizado o contrato temporário de trabalho (procedimento esse realizado no final da safra da cana). As fotos da carteira de trabalho indicavam que a maioria era de trabalhadores jovens. Realizamos, então, um levantamento dos trabalhadores migrantes, arregimentados por quatro empreiteiros, e as datas de nascimento comprovaram a primeira impressão, revelando a seguinte distribuição:

Quadro 1: Resultado de levantamento em 1.269 carteiras de trabalho

Faixa etária (anos)	Nº de trabalhadores	% por faixa etária	% acumulada
17 a 25	602	47,4	47,4
26 a 29	214	16,8	64,2
30 a 35	205	16,1	80,3
36 a 40	115	9,3	89,6
+ 40	133	10,4	100
Total	1.269	100	

Fonte: Pesquisa de campo/Projeto Migrações/2006

Considerando essa amostra aleatória, temos 47,4% dos trabalhadores na faixa etária de 18 a 25 anos e 16,8% na faixa de 26 a 29 anos, somando 65% de jovens entre os trabalhadores contratados por quatro empreiteiros. Assim podemos dizer que, entre os trabalhadores que migram para o corte da cana, há um “nicho de mercado” para os jovens. Essa constatação justificou a inclusão dos jovens canavieiros entre um conjunto de situações-tipo estudadas na pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana.

Não se trata, contudo, de uma identidade ou organização ancorada na categoria juventude. Esses jovens se vêem e são vistos como “trabalhadores rurais”; na região de origem são vistos como agricultores ou como filhos de agricultores e, por outro lado, em terras de usina são identificados como empregados rurais, bóias-frias ou cortadores de cana. Assim sendo dependem das mesmas organizações com as quais contam os mais velhos. Isso com uma diferença: enquanto na região de origem os filhos e as filhas de agricultores muitas vezes participam de “grupos de jovens” ligados aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, da Pastoral da Juventude e de outros grupos de jovens ligados às Igrejas locais, em terras paulistas eles (e, quando é o caso, suas companheiras) se diluem entre “trabalhadores ou famílias migrantes”, ligando-se ou não aos Sindicatos de Empregados Rurais ou à Pastoral dos Migrantes.

De maneira geral, podemos dizer que nos últimos anos no Brasil as demandas específicas dos jovens ligados à agricultura familiar têm sido incorporadas paulatinamente nas agendas das organizações sindicais (agrupadas em torno da Confederação Nacional da Agricultura – Contag), dos movimentos sociais (dos quais se destaca o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST) e das políticas públicas das Secretarias Estaduais da Agricultura e do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. O quadro seguinte resume essas demandas:

Quadro 2: Seis demandas de jovens rurais²

1. Expansão, melhoria e diversificação da educação e do transporte escolar nas áreas rurais;
2. Ampliação, diversificação e melhoria dos Programas de Crédito e subsídios às atividades dos(as) jovens rurais;
3. Consolidação de programas de acesso à terra para jovens, com apoios a empreendimentos ecologicamente sustentáveis;
4. Ações de fiscalização das Delegacias Regionais do Trabalho para evitar infrações dos direitos dos(as) trabalhadores(as) previstos em lei, acordos e convenções coletivas;
5. Criação de programas destinados a atender demandas de esporte, cultura e lazer em assentamentos rurais, comunidades quilombolas, ribeirinhos, comunidades de agricultura familiar;
6. Melhoria do atendimento dos postos de saúde existentes na área rural, com programas específicos voltados para a saúde da população jovem.

Na verdade, o quarto item – tanto no meio sindical quanto nos espaços governamentais ou nas ONGs – só foi muito recentemente incluído nas demandas ligadas à juventude. Mesmo que – quando se fala em trabalho de jovens no campo fora da agricultura familiar – os exemplos mais recorrentes sejam situações caracterizadas como “trabalho infantil” e “trabalho escravo”, podemos dizer que a situação dos jovens canavieiros começa a ganhar alguma visibilidade. Infelizmente, tal visibilidade está bastante relacionada a denúncias sobre condições de trabalho, até mesmo com morte prematura de jovens nos canaviais.

MORTE NO CANAVIAL

ONTEM, 24 DE ABRIL, FALECEU LOURENÇO PAULINO DE SOUZA, 20 ANOS, TRABALHADOR RURAL E MIGRANTE, NO CORTE DA CANA. ERA PROVENIENTE DE AXIXÁ DO TOCANTINS (TO) E MORAVA EM COLINA (SP). TRABALHAVA PARA A USINA SÃO JOSÉ, NA FAZENDA SANTA ELISA, NO DISTRITO DE IBITU, MUNICÍPIO DE BARRETOS. O MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO JÁ FOI NOTIFICADO.

PASTORAL DO MIGRANTE, 25/4/07

REGISTRO DA 5.ª MORTE DO ANO DE 2007 / 21.ª DO PERÍODO 2004-2007

COMUNICAMOS O FALECIMENTO DE ADILSON MOREIRA DE JESUS, 28 ANOS, NATURAL DE TAPIRAMUTÁ (BA), RESIDENTE EM GUARIBA (SP), QUE TRABALHAVA PARA A USINA ENGENHO MORENO. SEGUNDO INFORMAÇÕES DOS FAMILIARES, ELE VINHA SE QUEIXANDO ULTIMAMENTE QUE NÃO SE SENTIA BEM, MAS CONTINUAVA CORTANDO CANA E TRABALHANDO ATÉ MESMO NO DIA DE FOLGA. NA SEMANA PASSADA PASSOU MAL E FOI INTERNADO NO HOSPITAL SÃO FRANCISCO, ONDE VEIO A FALECER HOJE, DIA 11 DE SETEMBRO. O ENTERRO SERÁ AMANHÃ. DEIXA ESPOSA E DUAS FILHAS PEQUENAS.

PASTORAL DO MIGRANTE, 12/9/2007

Outras denúncias dizem respeito a acidentes e dores decorrentes do excesso e das condições de trabalho. Voltaremos a esse ponto no decorrer deste relatório.

Neste momento, o que é importante salientar aqui é que os jovens migrantes canavieiros – com ou sem participação sindical ou em movimentos sociais – se relacionam com dois conjuntos de demandas: um associado ao trabalho na agricultura familiar e outro, ao trabalho assalariado. Por um lado, com uma história de vida ligada à agricultura familiar, estão preocupados às cinco primeiras demandas acima anunciadas. Por outro lado, vivenciando a migração sazonal, também estão preocupados à sexta demanda. No entanto, sua situação particular suscita a ampliação ou o desdobramento dessa sexta demanda: isto é, reivindicam não só a carteira assinada e os “direitos” circunscritos ao contrato de trabalho temporário, mas também outro tipo de contrato de trabalho que amenize as condições de trabalho e resulte em maior ganho no corte da cana.

Também no que diz respeito ao acesso à educação há uma particularidade a ser destacada. Todos gostariam de ter condições para voltar a estudar, mas, para além da “pedagogia da alternância” que se propõe a conciliar escola e calendário agrícola em uma determinada região, no caso aqui analisado existem dois calendários agrícolas em jogo. Ou seja, é preciso encontrar formas de conciliar trabalho e estudo não só na região de origem, como também durante a safra da cana.

Enfim, por que estudar essa situação-tipo em que não há uma organização juvenil em cena? Por um lado, essa escolha se justifica pela atualidade do debate público que tem colocado em pauta a produção do etanol e seus benefícios como fonte energética e, via de regra, não se detém na questão do trabalho (do fator humano) nas plantações canavieiras. Por outro, jovens trabalhadores assalariados da cana são quase invisíveis no debate sobre políticas públicas de juventude. Se os jovens rurais já se ressentem do lugar que seus problemas específicos ocupam na hierarquia das demandas juvenis, podemos dizer que a juventude dos trabalhadores assalariados da cana é recorrentemente ignorada.

2. Elementos para uma etnografia da situação estudada

2.1 Considerações sobre o trabalho de campo

Iniciamos a pesquisa revisitando o material de entrevistas – gravadas e filmadas – com trabalhadores da cana-de-açúcar, feitas no Maranhão, no Piauí e na região de Cosmópolis e Guariba (SP). Essas entrevistas foram realizadas no âmbito do Projeto Migrações, que envolveu pesquisadores de quatro universidades brasileiras³, gerando artigos, um livro e um filme documental intitulado Migrantes, atualmente em finalização. Embora o projeto não tenha tido o recorte etário, nem houvesse um foco específico para as questões de juventude, naquela ocasião entrevistamos vários jovens e suas famílias indagando sobre suas motivações para migrar para o trabalho na cana. Informações dessas entrevistas foram utilizadas neste relatório porque, mesmo não trazendo consigo questões da presente pesquisa, elas tratam de trajetórias juvenis.

Quadro 3: Entrevistas realizadas pelo Projeto Migrações (utilizadas no Projeto Juventude)

Jovem que já veio três vezes para o corte da cana e virá novamente	Dois participantes (a mãe participa da entrevista)	Elesbão Veloso, Piauí, março de 2006
Casal jovem cujo marido não pretende voltar para cortar cana	Um participante (marido foi ao sindicato buscar recursos do Pronaf)	Francinópolis, Piauí, março de 2006
Jovem cujo marido está cortando cana em São Paulo	Um participante	Barras, Piauí, março de 2006
Cortador de cana, pai de três jovens também cortadores de cana	Um participante	Timbiras, Maranhão, março de 2006

Nessa nova pesquisa, nos beneficiamos do contato anterior e de uma boa relação de cooperação com o Sindicato dos Empregados Rurais de Cosmópolis e Região de Campinas e com a Pastoral do Migrante de Guariba, que têm acompanhado de perto a saga dos migrantes que trabalham na cana-de-açúcar. Apresentamos a essas duas entidades os objetivos do Projeto Juventude e Integração Sul-Americana e, em conjunto com esses mediadores, decidimos concentrar nosso trabalho em duas cidades-dormitórios do estado de São Paulo: Engenheiro Coelho e Guariba. Esses dois municípios foram selecionados em função da grande concentração de trabalhadores migrantes na época da safra. Assim, para entrevistar jovens migrantes canavieiros, na safra de 2007, contamos com o apoio de sindicalistas e agentes da Pastoral.

O sindicato realiza um trabalho voltado às condições gerais de trabalho nos canaviais, tendo como norte o cumprimento da legislação trabalhista em vigor. Nos acordos coletivos dos últimos anos encontramos cláusulas referentes às questões de gênero, particularmente ao trabalho das mulheres, mas não encontramos nenhuma cláusula que fizesse menção específica aos trabalhadores jovens. Há jovens que são associados e participam do sindicato, mas, como acontece também em outras faixas etárias de trabalhadores migrantes, esse tipo de engajamento não é regra, é exceção. Assim sendo, muitos jovens se valem do sindicato como instituição mediadora entre eles e as usinas, mas o sindicato ainda não tem um trabalho voltado especificamente para os jovens. Há, no entanto, interesse da atual diretoria de encontrar um caminho para se aproximar dos jovens.

Com total apoio da diretoria do Sindicato dos Empregados Rurais de Cosmópolis, fizemos um levantamento de mil carteiras de trabalho, retirando informações sobre a procedência, sexo, idade e tipo de contrato de trabalho desses trabalhadores, ratificando assim dados de amostra anterior – desta vez constatando a presença de 68% de jovens de 18 a 29 anos.

No caso da Pastoral do Migrante, apesar de não haver ações específicas voltadas para a juventude⁴, na prática formam-se grupos de jovens que agregam migrantes temporários que chegam para o trabalho na safra da cana, talvez porque a ação da entidade extrapole as questões da produção e adentre em questões pessoais, familiares e comunitárias.

Para a realização do trabalho de campo, adaptamos o roteiro geral de entrevista do Projeto Juventude e Integração Sul-Americana, com variações adaptadas para: jovens trabalhadores, mulheres que vieram acompanhando os maridos, representantes do sindicato e da Pastoral do Migrante.

O roteiro para os jovens prioriza a reconstituição de sua trajetória de vida a partir da qual seriam valorizadas questões sobre o trabalho, a família e os projetos futuros. Mesmo sabendo que as demandas desses jovens, via de regra, não eram vivenciadas por eles como “demandas de juventude”, procuramos apreender as percepções dos entrevistados sobre o significado de “ser jovem” e sobre a presença dos jovens nos espaços públicos, nas igrejas, nos sindicatos, nos clubes etc.

As entrevistas foram realizadas em grupo e individualmente. As primeiras foram feitas de forma simultânea, na praça central da cidade de Engenheiro Coelho, após uma reunião organizada pela diretoria do sindicato. Essa reunião foi realizada no dia 9 de julho, num feriado estadual, dia de não-trabalho nos canaviais. Os trabalhadores que chegaram para a reunião eram jovens, estavam bem vestidos: uns usavam bermuda, tênis ou sandálias, camiseta com desenhos de bandas, outros chegavam de óculos escuros, usando pulseiras, colares e brincos. Eles vieram para a reunião como se fossem para uma festa.

Outra entrevista coletiva foi feita na periferia de Engenheiro Coelho, na casa de um trabalhador da cana, migrante e também arregimentador de trabalhadores na Paraíba: para essa safra ele trouxe seis jovens, que moravam junto, eram parentes do arregimentador que vivia na casa com a sua mulher, cozinheira do grupo. Chegamos à residência em companhia de um diretor do sindicato que morava no mesmo bairro. A entrevista foi realizada no final do dia, logo após a chegada e o banho dos trabalhadores do canavial, antes do jantar. Fomos recebidos na sala da casa, onde havia dois beliches e uma televisão. A entrevista começou informal, uma conversa solta sobre assuntos contidos no roteiro, com apenas dois jovens trabalhadores. Depois os demais foram se aproximando e entrando na conversa. O grupo era muito falante, e as interpretações sobre determinadas questões geravam muita polêmica.

Nessa ocasião os jovens estavam de shorts e chinelo, um deles usava camiseta com estampa do Che. Vale salientar que se vestiam como “jovens”, ou seja, em estilo bastante próximo de grupos de jovens de periferias urbanas e de classe média. A terceira entrevista coletiva foi realizada na periferia da cidade de Guariba, no fundo de uma casa, um beco onde moravam os

trabalhadores. Eram duas fileiras de cômodos construídos um ao lado do outro com um corredor cimentado entre eles. O proprietário morava na casa de frente para a rua, e os cômodos foram construídos no quintal da casa. Chegamos a esse local acompanhados por um jovem assessor da Pastoral do Migrante. Ele conhecia bem o ambiente e aqueles trabalhadores. Com a nossa chegada, todos saíram das camas. Eram 7 horas da noite e todo o grupo já tinha jantado. Todos estavam com aparência de muito cansaço, inclusive os jovens, que também eram maioria naquele grupo de aproximadamente 20 trabalhadores. Não tínhamos entrevista agendada, mas fomos recebidos com muita cordialidade pelo grupo. Explicamos a nossa pesquisa e propusemos a formação de um grupo de cerca de cinco jovens que gostariam de participar da entrevista. Porém, todos estavam curiosos e se prontificaram a participar. Diante dessa situação, colocamos uma cadeira no pátio do beco de casas e perguntamos quem gostaria de começar contando sua história. Um jovem de 18 anos, trazido pelo tio do Piauí, logo se apresentou. Sentou-se na cadeira de forma desinibida e começou a falar sobre sua vida, motivando outros a também contar suas histórias. O que chamou muito nossa atenção nesse dia foram as precárias condições de moradia desses trabalhadores. Mas, ao mesmo tempo, não pudemos deixar de notar no corpo daqueles rapazes determinados signos juvenis contemporâneos, geralmente classificados como “urbanos”: cordões no pescoço, pulseiras, piercings, brincos.

As entrevistas individuais permitiram melhor reconstituição da história de vida de cada um e exploração mais detalhada das questões do roteiro. Chegamos a esses entrevistados por meio dos mesmos mediadores e, também, através de contato anteriormente feito no Maranhão.

Como se pode ver no quadro abaixo, esse segmento de cortadores de cana migrantes sazonais é exclusivamente masculino⁵. Conseguimos entrevistar apenas uma cortadora que, tendo ido a uma reunião no sindicato, quis fazer parte do grupo de entrevistados, mas é moradora da região. Por ser uma jovem viúva, com 21 anos e dois filhos para criar, diz que, sem outro emprego, “o jeito é ir para o corte da cana”. Outras moças foram entrevistadas na condição de acompanhante do marido – neste caso suas tarefas são cuidar da roupa, da comida, dos espaços onde moram, individual ou coletivamente. Algumas dessas jovens mulheres sonham encontrar outro trabalho na região ou conseguir estudar.

Quadro 4: Entrevistas feitas em São Paulo / Projeto Juventude

Entrevistas com jovens em grupo	34 participantes (30 cortadores de cana do sexo masculino, com a participação de quatro mulheres: uma corta cana; as outras três vieram acompanhando)	- Praça Engenheiro Coelho; - Alojamento em Engenheiro Coelho; - Alojamento em Guariba Julho de 2007
Entrevistas individuais com jovens	Seis entrevistas (quatro rapazes e duas moças que acompanham, mas não cortam cana)	- Sindicato - Na casa de trabalhadores Julho de 2007
Entrevistas com mediadores em grupo	Três participantes (três mulheres)	Casa de agente da Pastoral Julho de 2007

Cabe ainda salientar que muitas das informações utilizadas foram geradas após momentos de observação participante (e/ou participação observante) nas ruas das cidades do Nordeste (etapa anterior) e de São Paulo (nas duas etapas), nos canais paulistas visitados em companhia de lideranças sindicais ou agentes da Pastoral, em reuniões sindicais. Com relação a imagens, utilizamos como material para a reflexão filmagens realizadas na etapa anterior e fotos feitas nesta etapa.

Um último ponto sobre o trabalho de campo. A composição da equipe de pesquisa foi um elemento facilitador – acompanhando o professor de economia foram três jovens: um jornalista e fotógrafo (Flávio Conde), uma estudante universitária de História (Roberta Maiane) e uma estudante universitária de Geografia (Tais Zeitune). Essas diferenças de geração e de gênero, assim como certa interdisciplinaridade, foram importantes tanto para recolher informações quanto para discutir como interpretá-las.

2.2 Uma juventude em dois tempos

Historicamente, por suas relações de subordinação à grande propriedade e à monocultura, a pequena produção agrícola no Nordeste passa por ciclos de expansão e retração. De maneira geral, podemos dizer que o trabalho nos canaviais aparece como meio complementar de sobrevivência de famílias de pequenos produtores que cultivam terras próprias ou arrendadas. Tal complementaridade se dá em diferentes níveis e está relacionada com diferentes momentos do ciclo de vida. Para certas famílias, o trabalho na cana pode representar um recurso para viabilizar ou melhorar a qualidade do roçado ou para adquirir bens duráveis.

O segmento de juventude que estamos pesquisando é migrante e procedente de famílias pobres que vivem em determinadas áreas do Nordeste, onde as oportunidades de trabalho são escassas. Ou seja, são pessoas que partem para outras regiões em busca de trabalho para assegurar a sobrevivência da sua família na agricultura. Assim, o trabalho na safra da cana aparece como uma possibilidade concreta. As idas e vindas desses jovens recobrem essas duas realidades e lhes impõem condutas e comportamentos distintos, papéis e obrigações diferenciados.

Começamos pelo tempo da enxada. No Nordeste esses jovens dificilmente conseguem completar o ensino fundamental e ingressar no ensino médio. A necessidade de sua inserção precoce no mundo do trabalho faz com que suas mãos fiquem circunscritas ao manuseio da enxada, secundando o lápis, a caneta e todo o material escolar. Suas famílias geralmente vivem do produto da terra, muitos são pequenos proprietários de terra, outros são arrendatários. Segundo agricultores entrevistados, nos últimos anos a produção do roçado tem diminuído, tornando mais difícil o sustento da família. Dona Lourdes, mãe de quatro filhos, jovens, que têm migrado anualmente para o trabalho na cana em São Paulo, explica:

“A gente trabalha um ano na roça, aí quando é no dia de você pegar um bocado para vender, para se remediar, aí não dá é pouco, é uma mixaria. Um saco de milho hoje você vende por 20, 22 reais. Aí vai comprar uma calça é 40, 50 reais, não dá. Para comprar uma roupa completa tem que vender uns três sacos de milho. Aqui não tem ganho, o ganho daqui é quando sai uma diarinha na roça, e a diarinha é muito mixa. Os filhos sentem que, com o trabalho daqui, eles não têm como arrumar o que têm vontade de adquirir: o calçado, a roupa, o perfume” (Fonte: Entrevista realizada no município de Elesbão Veloso-PI, 2005).

Há uma percepção generalizada de que nos últimos anos a produção da agricultura familiar piorou: o desmatamento deixou as terras menos férteis, as pragas e as doenças das roças aumentaram, a produção do roçado diminuiu, os programas governamentais, ainda que melhores nestes últimos anos, continuam insuficientes e não chegam a reverter a precariedade da situação. Ou seja, não atingem questões estruturais que resultem na ampliação do mercado de trabalho e absorção dos jovens em atividades nas regiões onde vivem suas famílias.

Vale salientar que essas famílias pobres, nos últimos anos, foram também prejudicadas pelos grandes projetos de pecuária e de exploração de lavouras de grande valor comercial (fruticultura e soja, por exemplo), que reduzem significativamente os postos de trabalho para a população local e, ao mesmo tempo, resultam em aumento do preço e maior especulação da terra. Essas novas possibilidades reordenaram as relações de produção acarretando a expulsão de milhares de famílias do campo para as cidades da região. Na periferia essas famílias passaram a sobreviver graças a trabalhos pontuais, contanto sobretudo com a rede de proteção social do governo federal (Bolsa Família) e a aposentadoria dos idosos. Reportagens jornalísticas ora dão ênfase a uma possível “acomodação” entre os beneficiários (que deixariam de procurar emprego), ora denunciam falhas no cadastro

único que deveria identificar as famílias necessitadas. Neste momento, o que se pode afirmar é que tais benefícios passam a integrar os cálculos e as estratégias familiares que definem quando um membro da família deve/pode ou não viajar. Ou seja, a presença do Estado é vivenciada como novidade e deve ser considerada nas reflexões sobre os deslocamentos no interior do Brasil atual.

Contudo, de maneira geral, podemos dizer que a atual situação combina a diminuição da renda proveniente dessa agricultura no orçamento da família e o aumento da necessidade de suprimento por meio de compras nos supermercados e nas feiras. Assim, se é verdade que o produto do roçado e o trabalho na terra continuam sendo imprescindíveis, nas recentes circunstâncias, os jovens têm lançado mão de múltiplas combinações de ocupações de diferentes tipos para se manter ou se estabelecer nos municípios. Mas também os pequenos ganhos monetários provenientes do trabalho na época da safra da cana em São Paulo contam muito para a sua sobrevivência, nas épocas de entressafra, em sua terra natal. A esse cenário de precariedade e incertezas é que chegam as notícias de oferta de trabalho nas usinas de São Paulo.

A partir do mês de março os agenciadores das usinas começam a percorrer a periferia dessas cidades para o aliciamento de jovens. Os que decidem migrar muitas vezes têm a convicção de que com esforço e empenho podem se tornar “campeões de produtividade” e assim ser (re)conhecidos. Por que não? Elementos culturais que fazem da força física um sinônimo de masculinidade não estão ausentes desses cálculos. E funcionam, sobretudo nos mais jovens.

Alguns pais entrevistados dizem que não se sentem no direito de proibir a ida dos filhos, pois não têm nada a lhes oferecer diante de promessas de trabalho com carteira de trabalho assinada e com pagamento dos direitos trabalhistas. Os arregimentadores anunciam ainda vantagens adicionais para os bons trabalhadores, como prêmios por produtividade, cesta básica, alojamento, participação nos lucros da empresa, alimentação etc. Tal oferta se justifica porque, como já foi bastante sublinhado na primeira parte deste relatório⁶, nos dias de hoje, em um contexto de modernização da gestão da mão-de-obra e de ampliação do corte mecanizado, são trabalhadores temporários vindos do Nordeste que preenchem as necessidades do trabalho no corte manual da cana. Esse novo arranjo social – complementar e conflituoso – acarreta modificações na vida dos trabalhadores e de suas famílias, tanto em alguns municípios do Nordeste quanto no interior de São Paulo.

Do ponto de vista de quem migra, o trabalho no canavial apresenta-se como possibilidade de modificar uma situação de dificuldade de sobrevivência dentro de determinados padrões sociais e culturais. O trabalho no eito da cana pode representar um complemento que possibilita uma pequena produção agrícola, ou uma estratégia para viabilizar outras ocupações rurais ou urbanas. Os recursos para a passagem têm origens diversas: vêm de pequenas poupanças, de empréstimos, da venda de pertences, de adiantamentos dos empreiteiros e de doações e ajuda das autoridades locais (prefeitos, vereadores e dirigentes sindicais)⁷. Ou seja, são diversas as situações vivenciadas pelos trabalhadores que se dispõem a viajar para os canaviais paulistas. Mas há um denominador comum entre eles: todos valorizam o trabalho no corte da cana cujo ganho é pela produção. Quanto mais se corta, mais se ganha. Assim, os trabalhadores migrantes chegam à região com a disposição de acionar toda sua força física, toda sua habilidade e resistência para alcançar bons níveis de produtividade. O que, sem dúvida, não apenas os qualifica diante de gestores e empresários quanto os justifica perante os familiares que ficam.

Durante a pesquisa, registramos casos de arregimentadores que vivem e operam nos bairros, nos municípios onde vivem os trabalhadores. Trabalhando para empreiteiros ou diretamente para os usineiros da cana, eles selecionam 40 a 50 trabalhadores para compor uma turma.

A viagem do Nordeste para São Paulo é longa e cansativa, demora, em média, três dias. Na chegada, apresentam-se as opções de moradia, o que pode estar relacionado tanto com o que oferecem os empreiteiros, arregimentadores de mão-de-obra, quanto com relações prévias de parentesco e de amizade dos próprios jovens. Assim sendo, há jovens morando em alojamentos que são mais baratos porque abrigam uma turma de cerca de 40 trabalhadores, outros moram em casas alugadas especificamente para abrigar de seis a oito trabalhadores. Os que trazem as mulheres preferem esta última opção: viver em casa partilhada com outro casal ou nos cômodos dos becos.

O controle é feito pelo próprio arrematador, que acompanha a turma, ou pelo turmeiro local, que se encarrega do transporte diário da turma para o campo. Como já foi dito, nos alojamentos os trabalhadores fazem a comida ou se alimentam em pensões que lhes são determinadas. Muitas vezes os procedentes de uma mesma região a serviço de um mesmo empreiteiro trazem as mulheres, e estas também vivem nessas “comunidades” nos becos. Em todos os arranjos há compulsória convivência que contribui para a disciplina no trabalho, evitando possíveis dispersões de energia. A rotina cotidiana começa pelo horário do ônibus que os transporta para o trabalho logo nas primeiras horas da manhã. O controle sobre a turma é rigoroso e se estende pelos momentos de lazer, nos bares, nos forrós e outros tipos festas, inibindo excessos de bebida.

Essas presenças também modificam o interior paulista. Em algumas cidades, a paisagem visivelmente se altera entre o tempo da safra e o da entressafra da cana. Na época da entressafra, as cidades-dormitórios ficam esvaziadas. Muitas casas na periferia ficam trancadas, sem inquilinos. Mas esse é um tempo de investimentos para a época da safra. Novas construções ocupam os terrenos antes destinados às “peladas de futebol” e também o quintal das casas, os puxadinhos formam os “becos”, antigos espaços de comércio são transformados em alojamento para os trabalhadores que virão para o corte da cana.

O contrato de trabalho dos jovens trabalhadores que chegam é por tempo de safra. Terminada a safra, a empresa “dá baixa” na carteira de trabalho. Se alguém quiser ficar, na entressafra da cana, tem de trabalhar como avulso. A maioria, terminada a safra, volta para sua terra natal.

No alojamento que tivemos a oportunidade de visitar em Guariba, predominavam jovens trabalhadores procedentes do Piauí e do Maranhão. O prédio era um antigo bar transformado em alojamento. O depósito do bar estava ocupado por beliches. No final do corredor havia mais um cômodo onde estava morando uma família. Os três espaços se comunicavam por uma área comum onde existiam seis tanques e dois banheiros. Estas áreas eram utilizadas pelas 45 pessoas que ali moravam.

Enquanto permanecíamos naquele local, os jovens trabalhadores chegavam do canavial. Nesse alojamento, cerca de 70% dos trabalhadores eram jovens, sua idade variava entre 18 e 26 anos. Corpos visivelmente exauridos. Uns depositavam a sacola no chão e lentamente tiravam as perneiras, as meias, o sapatão, a camisa enegrecida pela fuligem da cana. Outros aproveitavam os tanques vazios para lavar as roupas. Os que chegavam antes estavam no banho e outros preparavam o jantar da turma. Muitos trabalhadores já estavam deitados em sua cama. Em uma conversa que começou a fluir entre eles um trabalhador de 19 anos contava que seu filho tinha nascido no Maranhão. Tinha recém-recebido a notícia da família e estava ansioso para voltar, mas não podia sair antes de terminar a safra pois romperia com o contrato. Falou que amava muito a mulher e o filho e que desejava voltar com os dois para São Paulo no próximo ano. Outro trabalhador, de 20 anos, comentou: “Eu quero voltar porque tenho saudades da família, mas também acho importante voltar para dar um arrocho nas meninas por lá”. A noite se aproximava, todos já tinham se banhado e começavam a jantar. No dia seguinte, às 5 horas da manhã, o ônibus apanharia esses jovens para levá-los ao canavial.

Assim, substituir a enxada pelo facão não é simplesmente trocar de instrumento de trabalho. O uso do facão implica mudança na rotina, na disciplina, perda da liberdade, ausência de tempo livre e privação de certas formas de lazer.

A produtividade é um desafio diário. Em outra ocasião, sobre a disciplina a que estão sujeitos os trabalhadores nos canaviais, assim se expressou Luiz, um trabalhador maranhense, 42 anos, também migrante:

“Para você ganhar a diária você tem que cortar, uma pela outra, 9 mil quilos. Você tem que cortar no mínimo 9 mil quilos. Quer dizer, se você cortar menos que isso, além de você ter uma diária fraca, você está tendo prejuízo. A partir de 60 dias, se você não chegar a essa produção, tem um modo deles aí que se chama ‘poda’. Quer dizer, ‘poda’: corta aquele funcionário que não está chegando à produção que ele quer. Então quer dizer, aí é um modo que você tem que ser macho, macho e macho. Então, às vezes, digamos assim, para qualquer trabalho, tem dia que você está de bom humor, tem dia que você não está de bom humor. No corte de cana é o seguinte: não tem bom humor, é um humor só, é pá e pá e pá. E se você dizer: ah, eu tomei ontem; o primeiro prejuízo que você toma é na baía que você leva, viu? Porque não recompensou ela. E a usina está de olho. Quando der aqueles 60 dias, pá, não quer nem saber” (Fonte: Documentário Migrantes, 2007).

O corte da cana é um trabalho solitário. O ganho pelo trabalho é pela produção: pela metragem, pelo peso e pelo tipo da cana cortada. É um cálculo complexo, difícil de ser entendido pelos trabalhadores que estão habituados à lógica econômica do

roçado, do trabalho na terra. Na cana tudo é diferente. No ar sempre paira a suspeita de roubo nas medições, porém a reclamação pode implicar demissões. Diante desse risco se calam.

O corte da cana implica movimentos rítmicos e sincronizados, é um trabalho duro. Um braço junta a cana, o outro manuseia o facão de corte. O primeiro corte é na base da cana, o segundo é na ponteira. Nos dois movimentos a lâmina do facão está direcionada para o corpo do trabalhador: o primeiro para a perna, o segundo para a mão. Os movimentos requerem destreza e habilidade, os riscos de acidente são grandes. O padrão de produtividade das usinas impõe a cada trabalhador o corte de 10 toneladas de cana por dia. Para cumprir essa meta, o corpo precisa de resistência física, daí a necessidade de trabalhadores jovens nos canaviais.

O ritmo de trabalho é alucinante, os trabalhadores ficam no limite da sua capacidade física, os problemas da saúde pelo excesso de trabalho se agravam. Com os movimentos repetitivos, as mãos incham, as tendinites e as bursites incomodam. As dores são insuportáveis, mas com elas ou sem elas é preciso dar conta da produção, caso contrário vem a “poda”, a demissão. Sobre câimbras e dores, o relato abaixo, parte de um artigo já publicado (Novaes, 2006), é elucidativo:

“Eram 10 horas da manhã do dia 30 de novembro de 2005 quando cheguei à sede do Sindicato dos Empregados Rurais de Cosmópolis para entrevistar cortadores de cana.⁸ Era final da safra da cana em São Paulo. Os trabalhadores se preparavam para regressar às suas regiões de origem. Antes de embarcar o sindicato fazia, para os trabalhadores filiados, a conferência do pagamento dos direitos trabalhistas e a homologação do encerramento do contrato de trabalho. O ritual de acerto de contas começaria às 14 horas.

Logo que cheguei, ainda pela manhã, encontrei três jovens trabalhadores da cana no sindicato. Eles eram de Cajazeiras, município localizado na região do semi-árido da Paraíba. Os três tinham chegado mais cedo ao sindicato para solicitar a intervenção da diretoria junto ao empregador que não queria pagar-lhes os direitos trabalhistas. Isso depois de trabalharem toda a safra da cana. Depois de sete meses de trabalho nos canaviais, se não recebessem o fundo de garantia, o proporcional de férias e o décimo terceiro salário, eles não tinham como voltar para casa, isto é, não tinham dinheiro para comprar a passagem de volta para a Paraíba. Estavam visivelmente debilitados. Um deles estava tomando, por conta própria, um antiinflamatório, para aliviar as dores do corpo. Demonstrava ter grande familiaridade com os comprimidos de Buscopan. O outro estava febril e dizia ter acostumado conviver com a febre. No início da safra passada ele teve pneumonia, dizia ser difícil se acostumar com o frio que faz em São Paulo.

Enquanto a presidente do sindicato notificava o empregador, esses trabalhadores me contaram algumas dificuldades cotidianas enfrentadas nessa safra da cana. Durante a conversa, todos buscavam as causas das doenças a que estavam sujeitos em São Paulo. Falaram sobretudo da falta da família e da alimentação fraca.

Os três trabalhadores eram jovens, todos casados. Embora existam na região aqueles que trazem as mulheres para as temporadas paulistas, esses não trouxeram suas companheiras: com elas as despesas de passagens e de moradia aumentariam muito. Preferiam ficar morando no alojamento com mais dez trabalhadores, pagando R\$ 40,00/mês de aluguel. Com as mulheres teriam que alugar um cômodo no beco ou uma casa com outro casal, aí o valor do aluguel aumentaria para R\$ 80,00/mês. Esses trabalhadores mandavam mensalmente entre R\$ 70,00 e R\$ 100,00/mês para ajudar a família na Paraíba.

Para se alimentar pagavam R\$ 135,00/mês. Esse preço seria mantido sob uma condição: deveriam entregar para a pensão a cesta básica a que têm, mensalmente, direito. Mas, se perdessem um dia de trabalho, não recebiam a cesta básica. Nesse caso, o valor da pensão passava para R\$ 200,00/mês. Mas, com ou sem cesta básica, eles se queixaram da alimentação fornecida pela pensão, geralmente vinculada aos empregadores. Segundo eles, a carne de frango – que comiam todos os dias, por ser a mais barata – é “pobre em substância”. Com ela, quem trabalha pesado no corte da cana não repõe as energias que o corpo perde. Em resumo: alimentação fraca, somada às exigências impostas pelo fiscal da turma, se traduz em cansaço, dores no corpo e na coluna, câimbras e tendinites.

A conversa prosseguia e eu notava que o trabalhador febril estava cada vez mais prostrado. Às 14 horas o empregador chegou para o acerto de conta. Às 14h30min fecharam um acordo. Imediatamente após a assinatura, o trabalhador febril teve uma crise convulsiva. O empregador levantou-se, pegou os documentos e saiu. Acordo feito, já não se podia provar nada contra ele, ou contra a usina, nem se podia contar com ele. A presidente do sindicato disponibilizou um veículo para transportar o trabalhador ao hospital da cidade e eu resolvi acompanhá-los. O atendimento foi na emergência: soro e outros medicamentos. Posteriormente, foi aplicada uma injeção de Benzetacil, a febre cedeu e, depois de 3 horas de internação, o paciente voltou ao estado normal. Todos no hospital pareciam estar familiarizados com essas doenças de cortadores de cana.

Nesse período de atendimento, pudemos presenciar o drama de outro trabalhador, trazido diretamente do canavial, sangrando com um enorme talho na parte superior do pé. Foram dados vários pontos. Mesmo com o consentimento do trabalhador machucado, a enfermeira impediu-me de fotografá-lo no hospital. Uma foto foi, então, feita no pátio, com o pé do trabalhador já enfaixado. Ali mesmo na entrada do hospital, uma terceira vítima apareceu. Agora, um pai aflito amparava o seu filho trazido do canavial com câimbra. O braço retesado não se movia, a dificuldade de locomoção era grande, o paciente reclamava de dores no estômago. Uma vez mais acompanhei o atendimento e fiquei sabendo que também as câimbras são muito comuns por ali.

Convulsão, cortes de facão, câimbras. O que têm em comum esses cortadores de cana? Por um lado, a vida desses três trabalhadores pode ser vista como uma perversa continuidade dos movimentos populacionais do Nordeste para o sul do país, historicamente motivadas pela

dificuldade de trabalho e de acesso a terra nas suas regiões de origem⁹. A construção civil e as indústrias foram as principais responsáveis pela população nordestina que povoou São Paulo. Hoje, esses trabalhadores – sobretudo jovens – vêm do Nordeste com um destino certo. A saber: vêm especificamente em busca de trabalho nos canaviais das modernas usinas paulistas”.

3. Percepções, vivências e demandas entre jovens canavieiros

3.1 Ser jovem hoje

Como já foi dito, os jovens cortadores de cana por nós entrevistados não se definem a partir do pertencimento a uma organização juvenil. Ainda assim, considerando o conjunto das entrevistas, Antônio, 20 anos, destacou a questão da participação. Quando perguntamos a ele “o que é ser jovem?”, ele nos respondeu rapidamente: “Ser jovem é poder atuar na comunidade”. Contou que na sua cidade, Cajazeiras, na Paraíba, fazia parte de um grupo de jovens ligado à Igreja; lá realizavam reuniões das quais gostava muito de participar. Demonstrou interesse em integrar também algum grupo de jovens em Guariba, mas não teria tempo e disse que desconhece a existência de tais grupos. Chamar a atenção para esse exemplo significa dizer que na definição de juventude – para além das relações de trabalho e da escolaridade – contam também outros aspectos da história de vida desses cortadores de cana. No caso, a experiência de participar de um grupo comunitário.

Entretanto, de maneira geral, indagados sobre “o que é ser jovem?”, os entrevistados atualizam representações socialmente disponíveis que definem esse momento do ciclo de vida, tais como:

“Nós somos jovens o tempo todo, enquanto estamos vivos.”

“Ser jovem hoje é o normal. Nós saímos jovens pra trabalhar, pensando no futuro.”

“É ser novo, pensar no futuro e ter força e saúde para trabalhar.”

“Ser jovem é ter saúde e esperança. O jovem tem uma roupa mais adequada à moda. Ser jovem é época de solteiro, poder sair, vestir-se bem, namorar.”

“Ser jovem é bom: namorar, festas, brincar e não ter muita preocupação.”

“Ser jovem é a zoeira, convivência com os amigos.”

Nessas representações “ser jovem” está ligado a um estado de espírito (ser jovem o tempo todo); a ter um futuro pela frente; a ter saúde, boa aparência e poder aproveitar a vida. Por outro lado, também lançando mão de percepções socialmente disponíveis, ao serem indagados sobre o que não se poderia deixar de falar quando se fala em juventude, os jovens citaram temas que são recorrentemente tidos como “problemas da juventude atual”. Citamos abaixo alguns exemplos.

“Não poderia deixar de falar sobre a vaidade, a bebida alcoólica.”

“A bebida está quase pior do que as drogas.”

“O jovem deve tomar muito cuidado com as drogas porque é o pior problema da juventude hoje.”

“A falta de experiência e também problemas como as drogas e a prostituição estão presentes na juventude.”

“Violência na vida do jovem é prostituição, sexo, drogas e crimes.”

Bebida alcoólica, drogas, vaidade, prostituição, violência, falta de experiência são vistos como problemas da juventude de hoje. Interessante notar que quando perguntamos a essas pessoas como eles acham que os adultos vêem os jovens, eles deixaram entrever que se ressentem das generalizações negativas dos adultos.

“Muitos pensam que os jovens não querem assumir responsabilidade e trabalhar.”

“...que os jovens saem muito, não pensam no futuro.”

“A maioria dos adultos pensa que os jovens não prestam.”

“A imagem do jovem é ruim, só se fala de jovem traficante e que não pensa. Os adultos não acreditam no jovem de hoje.”

Ou seja, à sua maneira os jovens entrevistados expressam certas tensões intergeracionais. Porém, se nessas colocações podemos entrever o poder dos adultos em classificar e generalizar, em outras percebemos um certo contrapoder dos jovens, que se ancora na valorização social do “ser jovem”, sobretudo nos dias de hoje, quando há menor isolamento e mais relações entre campo e cidade. Nesse sentido, seguem alguns exemplos:

“Os adultos pensam que já passaram por isso; vêem a juventude com saudade.”

“Quando eu começar a pensar em casar e constituir família vou deixar de ser jovem, os adultos vêem a juventude com saudade do seu tempo.”

“...que o jovem hoje é mais liberto, os velhos falam isso.”

“...que os jovens vão pela curtidão, e eles não faziam isso, ficavam presos na roça.”

Outro aspecto interessante das relações intergeracionais surgiu no momento de (durante o bate-bola final) definir migração¹⁰. A resposta abaixo é ilustrativa:

“Migração é buscar alguma coisa, trabalhar. Sair da casa dos pais, que lá não dá para se vestir bem. Vem tentar ganhar um dinheirinho, quando volta ajuda os pais”.

A migração nesse sentido é uma via para a emancipação que se consegue pelo trabalho. Nesse caso a “ajuda” aos pais deixa de ser compulsória, a hierarquia do roçado dá lugar à cumplicidade e ao compromisso entre pais e filhos jovens.

Em resumo, os jovens entrevistados atualizam e partilham representações socialmente disseminadas sobre “a juventude”. Contudo, em outras respostas (ou em momentos distintos da mesma entrevista) se pode observar como as especificidades de sua condição juvenil, isto é, sua própria vivência, suscitam questionamentos e explicitam contradições em relação às representações correntes. Sob essa perspectiva, vale atentar para duas respostas: a de uma jovem que veio acompanhando o marido para o corte da cana e a de um jovem trabalhador.

“Ser jovem é se divertir, porém nunca tive tempo pra isso” (Sandra, 24 anos).

“É ter saúde, participar um pouco do universo, do mundo. Pra ser jovem tem que também participar do lazer, de uma cultura melhor, curtir um pouco mais a vida. Trabalhar com aquela necessidade de conseguir alguma coisa. Não se matar pra gente não acabar a juventude no trabalho. Que às vezes a gente é jovem, e fala, vou me esforçar o máximo que eu puder, pra conseguir rápido, mas só que é engano da gente. Então a gente é jovem aqui, se esforça demais com a juventude toda sua hoje, aí amanhã, quando for no outro ano, você se torna velho sem menos esperar, além da idade sua você se torna velho” (Jucélio, 25 anos).

Sandra aponta um hiato entre teoria e prática, entre o muito que a sociedade promete e o pouco que proporciona. Jucélio observa que juventude e velhice se descolam da idade cronológica: o esforço físico se encarrega de arrancar esses jovens da juventude. Assim surgem as especificidades de “ser jovem cortador de cana”. É do que trataremos a seguir.

3.2 Ser jovem cortador de cana: vivências e demandas

Retomaremos agora as demandas anunciadas nas primeiras páginas deste relatório, fazendo um diálogo entre elas e as informações colhidas por meio de entrevistas coletivas e individuais. Buscamos, nas entrevistas gravadas, localizar trechos que se relacionavam com as demandas, considerando sempre a diversidade de opiniões do grupo de jovens sobre determinado assunto.

3.2.1 Educação: experiências e demandas

Demanda 1: Expansão, melhoria e diversificação da educação e do transporte escolar nas áreas rurais.

Antônio atualmente mora em Guariba. Sentamo-nos na calçada em frente a sua casa, e ele contou que tem 20 anos e nasceu em Timbiras, no Maranhão. Quando morava em sua cidade natal trabalhava no roçado. Com o ensino médio completo e um curso, feito em São Luís, de telemarketing, área em que nunca encontrou trabalho, Antônio decidiu migrar para o corte da cana. Essa decisão foi impulsionada pela falta de emprego e pela influência do irmão que já estava em São Paulo. Hoje está fazendo a segunda safra e espera que seja a última. Gostaria de voltar de vez para sua cidade e encontrar um emprego melhor. Antônio diz que gosta muito de estudar. Seu sonho é continuar estudando para garantir um bom futuro. Hoje faz curso de informática, na cidade de Guariba, no turno da noite. Ele próprio paga a mensalidade do curso que frequenta três vezes por semana depois da jornada diária no corte.

Julivan nasceu na Paraíba e tem 29 anos. Estudou até a terceira série do ensino fundamental. Conta que seu pai sempre quis que ele estudasse, mas ele sempre gostou mais de trabalhar na roça. Disse ainda que falta transporte para as crianças e os jovens frequentarem a escola. Acredita que isso também é um fator que estimula a migração.

A história escolar de Antônio não é comum, enquanto a de Julivan é “normal”. Antônio contou que completar o ensino médio foi possível por ele ser o filho mais jovem de uma grande família. Os irmãos migraram primeiro, aí ele pôde retardar a ida para São Paulo e ficou só estudando. De fato, via de regra, os jovens entrevistados tinham em comum a experiência de abandono da escola. No grupo entrevistado, 80% abandonaram os estudos entre a terceira e a sétima série, 10% concluíram o ensino médio e 10%, além do ensino médio completo, frequentaram cursos profissionalizantes.

O calendário agrícola “briga” com o calendário escolar. Os jovens relacionaram o abandono do estudo à necessidade e ao tipo de trabalho que realizam, tanto na agricultura familiar quanto nos canaviais.

Na região de origem o abandono da escola é pela necessidade do trabalho dos jovens na lavoura de subsistência. Esse trabalho impõe a eles a necessidade de permanência no campo durante o período de trabalho no roçado. Na época da colheita, de mais trabalho no roçado, as escolas se esvaziam. Alguns jovens do grupo disseram que mesmo antes de migrar já tinham abandonado os estudos pela falta de motivação para frequentar a escola.

Francisco, jovem, canavieiro, indica que o corte da cana é, atualmente, uma das poucas oportunidades de emprego no sul para quem não completou o ensino fundamental: “Se você for do Nordeste direto pra São Paulo pra arrumar emprego é mais difícil, porque eles pedem algum estudo, alguma especialidade numa função, mas se você for pro corte da cana você arruma emprego mais fácil” (entrevista com Francisco, Guariba, 2007).

Também há impossibilidade de conciliar a época da migração, determinada pela safra e entressafra da cana, com o calendário escolar na região de origem. Por outro lado, existe a possibilidade de trabalhar e estudar no interior de São Paulo, onde as próprias usinas oferecem cursos para os trabalhadores completarem a escolaridade. Ouvimos relatos de trabalhadores que se esforçam para participar desses cursos. Esse esforço é alimentado pela esperança de deixar o corte da cana, já que algumas empresas fazem internamente remanejamento de pessoal para outras funções, que exigem mais escolarização. Porém, essas oportunidades se adéquam mais às condições de vida dos trabalhadores que têm contrato de trabalho permanente, e não ao cotidiano dos migrantes sazonais. O ritmo e a jornada de trabalho a que estão submetidos nos canaviais provocam grande desgaste físico que inviabiliza, pelo cansaço, a continuação dos estudos, mesmo diante da oferta dos cursos noturnos.

Contudo, é interessante notar que, ao mesmo tempo que os jovens relatam suas histórias de “evasão escolar”, expressam um reconhecimento generalizado sobre a importância dos estudos. Todos pretendem voltar a estudar, apesar das dificuldades. Os pais também desejam que seus filhos estudem. Um deles assim se expressou em relação aos filhos: “Na minha idade eu ainda vou para lá, não é porque eu queira, é por necessidade. Porque se eu não ir, aqui não tem como eu ajudar meus filhos. De ma-

neira alguma. Como, coitados! Ai, vão parar de estudar. Ai, o que acontece? Vou fazer uma fila e dar para cada um uma enxada e um facão e vamos para a roça. Foi o que eu herdei do meu pai” (entrevista com Luiz, Timbiras, MA, 2005).

Assim, do ponto de vista dos jovens migrantes canavieiros, a demanda por educação se resume à garantia de vagas em escolas. Implica garantia de transporte, mudanças no calendário escolar tradicional, grade curricular adequada e, finalmente, implantação de um programa educacional que se estruture por módulos, que seja flexível e emergencial, que traga consigo a possibilidade de os jovens canavieiros estudarem tanto no Nordeste como em São Paulo, tanto na entressafra quanto na safra.

3.2.2 Inserções no mundo do trabalho: experiências e demandas

Percebe-se que nos documentos das organizações que falam de inserção produtiva de jovens na agricultura, via de regra, há menções ao ideário ecológico traduzido como “empreendimentos ecologicamente sustentáveis”, por exemplo. Nossos entrevistados explicaram um conjunto de percepções sobre o tema. Seguem alguns exemplos:

“Ter mais cuidado com a poluição.”

“Tem que preservar muito.”

“Tem que pensar melhor. Transtorno no meio ambiente cada dia destrói mais. O aquecimento acaba com o oxigênio.”

Aqui é interessante notar a ausência de qualquer menção ao etanol (álcool, como combustível). Para uns o etanol – como fonte de energia – seria menos poluente. Mas para muitos ambientalistas o aumento da produção canavieira para produção do etanol seria prejudicial ao meio ambiente. Isso porque a queima da cana e os seus subprodutos (como o vinhoto) – quando não utilizados de forma racional – poderiam provocar impactos ambientais. Seria importante, em outra pesquisa, aprofundar essa discussão indagando até que ponto a preocupação ecológica nas áreas rurais se limita ao âmbito da produção familiar e da luta pelo acesso à terra, não entrando realmente na pauta do trabalho assalariado.

Retomemos agora as demandas presentes nos documentos consultados sobre essas questões juvenis no mundo do trabalho.

Demanda 2: Ampliação, diversificação e melhoria dos Programas de Crédito e subsídios às atividades dos(as) jovens rurais.

Demanda 3: Consolidação de programas de acesso à terra para jovens, com apoio a empreendimentos ecologicamente sustentáveis.

Demanda 4: Ações de fiscalização das Delegacias Regionais do Trabalho para evitar infração dos direitos dos(as) trabalhadores(as) previstos em lei, acordos e convenções coletivas.

O tema “trabalho” foi introduzido nas entrevistas por um pedido que os jovens entrevistados completassem a seguinte frase: “Você não teria vindo para São Paulo se...”. Uma resposta foi recorrente: “se lá onde eu moro tivesse como viver bem, eu não vinha”. Porém, após essa resposta-padrão, é comum os jovens ressaltarem os pontos positivos da vinda. Entre estes estão os bens (de consumo e duráveis) que conseguiram com o trabalho no corte da cana.

Segue o exemplo de Valdivan. Ele nos disse que, se tivesse onde trabalhar e um salário bom na sua terra natal, não viria para São Paulo. É solteiro e só estudou até a sexta série, seus irmãos também trabalham no corte da cana, só que em outra usina. Conta que seus amigos chegavam da safra lá na Paraíba e contavam que o trabalho não era tão ruim. Encorajado por esses depoimentos e por seu sonho, o de construir uma casa, Valdivan “desceu” para São Paulo para o trabalho no corte da

cana. A primeira safra foi difícil, mas hoje, já na sexta, sente menos e está mais acostumado ao trabalho. Com as safras conseguiu comprar uma moto, que fica lá em Cajazeiras.

Em sua cidade, a moto pode significar liberdade para circular entre pequenas propriedades, maior mobilidade, mais possibilidades para se divertir ou pode tornar viável uma nova ocupação (já são muitos os mototáxis na região). Sem dúvida, a decisão de vir cortar cana em São Paulo está relacionada a determinados sonhos de consumo. Nesse contexto, destacam-se itens ligados à aparência jovem: óculos escuros, roupas novas, parecidas com as das propagandas de televisão, colares, brincos, tatuagens, piercings, cabelos descoloridos. Um rapaz contou que migrou pela primeira em busca de aventura, influenciado pelos jovens que chegavam do corte da cana de São Paulo. “Estou aqui por curiosidade, ver como é que era. Só ouvia todo mundo falar que vinha pra cá, ganhava dinheiro, não sei o quê... aí eu vim.” Ou seja, vir para trabalhar também tem a ver com o desejo de experimentar, de se emancipar.

Por outro lado, a possibilidade de adquirir bens almejados neutraliza a posição subordinada de “ser jovem” no âmbito familiar. Quando voltam com dinheiro, no comércio de sua cidade compram eletrodomésticos como fogão, geladeira, máquina de lavar, material de construção para erguer a casa de alvenaria para a família. Muitas vezes jovens irmãos se cotizam para presentear a mãe com esses bens.

Esses dois aspectos parecem compensar o trabalho pesado, os gastos com moradia e alimentação, os olhares preconceituosos dirigidos aos “maranhenses”, aos “paraibas”, quando circulam pelas cidades ricas do interior de São Paulo¹¹. Com objetivos precisos, cada jovem entrevistado ensaia seus cálculos (quantas vezes ele deve vir para obter o quê).

Julivan, por exemplo, já está na sua sexta safra e não quer mais trabalhar na cana, gostaria de mudar de emprego. Seu desejo é comprar uma caminhonete e trabalhar com ela na Paraíba fazendo transporte. Assim, ao discutir as alternativas de inserção produtiva desses jovens, é necessário considerar as diferenças de motivações e de percursos entre eles mesmos. Com esse objetivo, nos deteremos agora em duas trajetórias juvenis.

Trajatória 1: Na safra, Claudione viajará para cortar cana pela terceira vez

A entrevista realizada com Claudione Soares da Silva, de 22 anos, migrante canavieiro, foi realizada na cidade de Elesbão Veloso (PI), em 2005. Claudione é mais um migrante nordestino que encara centenas de quilômetros em busca de um trabalho temporário nas usinas de São Paulo. “Espero ter sorte e ganhar dinheiro”, define sua missão antes de deixar a família em Elesbão Veloso, no interior do Piauí, para regressar à cidade de Miguelópolis (SP), onde enfrentará sua terceira safra como cortador de cana para a Usina de Volta Grande. As possibilidades de migrar, assim como a de corte de aproximadamente 20 toneladas de cana-de-açúcar por dia, já estão incorporadas nos seus cálculos de presente e de futuro. Claudione é um jovem “campeão de produtividade” nos canaviais paulistas.

Para ele, os empresários do ramo sabem que nordestino colhendo cana-de-açúcar é sinônimo de eficiência: já descobriram que os migrantes cortam o dobro da quantidade de cana colhida por seus companheiros paulistas de profissão. Por isso, há empresas que realizam contratos de safra apenas com pessoas do Nordeste. Considera que a mecanização de toda a colheita ainda é “irreal”. Enquanto as máquinas não ocupam o lugar dos migrantes, até mulheres nordestinas sobrevivem com essa atividade.

Conta que na época da safra da cana os jovens migrantes nordestinos são escolhidos a dedo. Eles não têm medo de enfrentar o trabalho duro, suportam as hostis condições de trabalho e se conformam em viver em alojamentos precários.

Para Claudione, “ganhar pouco não é sorte, sorte é ganhar muito”, resume o jovem que interrompeu os estudos no primeiro ano do ensino médio. Para ele, os jovens filhos de agricultores têm dificuldade para acompanhar regularmente os períodos letivos devido à seca, à distância da escola quando se mora na zona rural, à migração para a cana. Desistências e afastamentos escolares para trabalhar geram “atraso”, a não-assimilação e a não-continuidade dos conteúdos, o cansaço devido ao trabalho em outras atividades, a baixa auto-estima, a vergonha por serem repetentes.

Além de ajudar em casa, Claudione destina boa parte do salário que ganha à construção de uma nova casa com sete cômodos para a família. Em três safras trabalhando como cortador, ele também se orgulha de ter conseguido comprar uma motocicleta e um aparelho de som. Segundo ele, com o salário obtido na próxima safra, as obras na residência da família poderão ser concluídas.

Repleta de riscos, a árdua rotina nos canaviais se altera entre o campo e o alojamento, para onde só retorna à noite. Divide as despesas habitacionais com colegas e revela que boa parte de seu salário é reservada aos custos de moradia. Fazer comida nas madrugadas o incomoda muito mais do que a solteirice. “Ganho entre R\$ 900 e R\$ 1.000, mas pago aluguel, água, luz. Fico com cerca de R\$ 700 ou R\$ 800 por mês. Só chego em casa à noite. Até namorar fica difícil”, no interior de São Paulo.

Em sua cidade natal, enquanto espera a próxima safra, ele gasta as pequenas economias. “Aqui a gente não ganha nada e ainda gasta ao beber com os amigos”, ri ao se referir às suas despesas pessoais.

Os cabelos pintados de loiro e as roupas arrojadas e coloridas refletem modismos presentes entre os jovens do mundo rural. No entanto, isso não significa rupturas com o trabalho na agricultura em Elesbão Veloso. Sem remuneração, ele ajuda a família nas plantações em terras próprias e arrendadas. Claudione afirma que, além do plantio em terras próprias, a família costuma “alugar” terras próximas para a produção de alimentos, no entanto, diz desconhecer os valores e as formalidades do contrato, feito pelo pai. “A gente planta arroz na época da chuva, feijão, milho... Ajudo o meu pai, mas não ganho nada na roça”, explica.

Essa aceitação da autoridade paterna no roçado contrasta com a determinação de Claudione para reivindicar o recebimento do seguro-desemprego ainda devido pela usina. Sua mãe, dona Francisca Soares das Chagas Silva, afirma: “Ele só vai voltar este ano para São Paulo porque o dinheiro do seguro-desemprego dele não saiu. Ele recebeu o fundo de garantia, aí quando foi receber o seguro-desemprego e as férias não saiu, não. Aí o homem do banco daqui disse que o seguro-desemprego estava bloqueado. Aí ele vai lá para perguntar ao empreiteiro porque ele não cumpre o que disse. Meu filho disse que perdeu quase 3 mil reais e que vai botar um advogado quando chegar lá”. Claudione completa: “Quando eu chegar lá, vou botar um advogado pra correr atrás do seguro-desemprego, que ainda tem cinco parcelas, bloquearam o meu PIS, aí eu não recebi. O Ministério do Trabalho bloqueou. Eu nunca fui no sindicato lá não. Boto o advogado por minha conta mesmo e o que pegar é lucro”.

A família de Claudione vive um dilema. Como afirma sua mãe, a saudade dos filhos que partem em busca de sustento é mais difícil de ser vencida do que o cansaço do trabalho desenvolvido no campo. Afinal, as viagens dos filhos provocam uma carência de braços para o trabalho no roçado. Católica, mãe de três rapazes e duas jovens, ela se emociona e chora bastante ao citar a necessidade das viagens, mesmo que incertas e provisórias. “Não me sinto bem quando eles vão. Se eu pudesse escolher, nenhum filho meu sairia de perto”, desabafa dona Francisca entre lágrimas. Mas como não se orgulhar de um “campeão de produtividade”?

Trajectoria 2: O marido de Joelma não vai mais para São Paulo cortar cana

Joelma Lima Souza Silva, 17 anos, é uma jovem nordestina de Francinópolis, no interior do Piauí, que migrou pela primeira vez para São Paulo com o marido e o bebê em outubro de 2004. Joelma deixou a escola para migrar com o marido. Mesmo antes de migrar o seu desempenho na escola vinha sendo comprometido pelo excesso de faltas: ora por causa do trabalho no roçado, ora pelo desinteresse de ir à escola, pois a instituição não lhe oferecia perspectivas de inserção profissional. Abandonou a escola pela primeira vez quando ficou grávida, sem planejar. O segundo abandono foi em 2004 para migrar com o marido.

O trio encarou uma cansativa viagem de ônibus até São Paulo, ela conta. O bebê ainda em fase de amamentação, a dificuldade de fazer comida durante o trajeto e as paradas do coletivo por poucos minutos foram as primeiras dificuldades encontradas pelo casal. Ao chegarem a São Paulo, o marido foi empregado como cortador de cana. Lá as esperanças de Joelma foram substituídas pelas decepções. A expectativa de colocar seu filho na creche para poder estudar, trabalhar e guardar um pouco de dinheiro foi frustrada. “Achei que daria para meu marido trabalhar, pagar nossas despesas e ainda guardar um pouco de dinheiro. Mas não deu.

Não consegui vaga na creche e tive que interromper os estudos para cuidar da criança. Não fazia nada lá, apenas coisas de casa. Eu imaginava ir para lá e estudar.”

Segundo Joelma a vantagem da aventura ao Sudeste foi conhecer a região, tão mencionada pelos amigos como fonte de oportunidades de trabalho. “Foi bom para conhecer o lugar, mas para juntar dinheiro realmente não deu. Com o FGTS que meu marido recebeu ele comprou uma motocicleta. O lado ruim foi ter ficado um ano sem estudar e não ter conseguido o que queríamos: arrumar dinheiro para a construção de uma nova casa”, revela Joelma.

Joelma retornou ao Piauí antes do marido. Ele continuou trabalhando para terminar a safra, pois tinha contrato temporário de trabalho e se rompesse perderia todos os direitos trabalhistas, ou seja, a moto. A sofrida experiência fez com que o marido desistisse das rotineiras idas para São Paulo. “Este ano meu marido decidiu que não irá para São Paulo. Ele conseguiu um empréstimo no sindicato e iniciou uma criação de bodes.” Isso foi possível graças aos recursos obtidos no sindicato, assegurados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)¹². Assim, o jovem marido de Joelma não vai migrar; vai realizar uma nova experiência com o apoio do governo federal: ser criador de cabras. Como esse jovem, muitos outros esperam oportunidade para romper esse ciclo que se perpetua entre a enxada e o facão.

As trajetórias de Claudione e do jovem marido de Joelma devem ser inscritas no campo de possibilidades dos jovens rurais desta geração. São histórias boas para refletir e úteis para reforçar a idéia de que não se trata de extinguir por decreto – ou por qualquer outro tipo de imposição – as idas e vindas dos jovens entre o Nordeste e São Paulo. No entanto, quando se ampliam as oportunidades locais, a migração (menos por extrema necessidade, mais por cálculo e escolha) amplia também as possibilidades de os jovens buscarem seus direitos lá e cá.

3.2.3 Cultura, esporte e lazer

Demanda 5: Criação de programas destinados a atender demandas de esporte, cultura e lazer em assentamentos rurais, comunidades quilombolas, ribeirinhos, comunidades de agricultura familiar.

Fazendo uma comparação com sua cidade, Antônio, 20 anos, conta que no Maranhão tem mais liberdade para se divertir, para o lazer; e que gostaria de ter mais tempo para conversar com os amigos que moram nas cidades vizinhas a Guariba. Para além das situações difíceis que vivem, os jovens procuram encontrar momentos de confraternização e diversão com amigos. Na partida para São Paulo deixam família, amigos, amores. Mas quando chegam reencontram outros amigos e parentes que vieram e ficaram morando na região canavieira. No início da safra, a chegada dos migrantes provoca visitas, entrega de cartas, fotografias e presentes enviados. É um tempo marcado por festas, churrascos, danças e muita conversa.

A entrevista de Sandra, 23 anos, que veio acompanhando o marido do Maranhão, registra essa confraternização:

“Quando maranhense chega aqui é uma alegria. Porque maranhense já está acostumado aqui em Guariba. Em Pradópolis também tem bastante maranhense. Aí tem gente que já está três anos, quatro anos, cinco anos aqui. Aí quando os outros maranhenses chegam no começo da safra é uma alegria para eles. Hoje mesmo tem festa. Festa aí até altas horas. Sábado nós fomos para outra festa, para outro churrasco. Semana passada teve aqui no meu quintal, teve churrasco. Todo final de semana tem festa porque os maranhenses gostam de beber. Aí juntam aqueles amigos deles, um compra uma grade de cerveja, outro compra meia, outro compra dez. É assim, aí faz a festa. Aí nós comemos carne, dançamos e falamos do Maranhão. Os homens que deixaram as mulheres falam das saudades que estão sentindo das mulheres e dos filhos. Mas está longe, muito longe. Três dias é muita coisa. Muito longe” (entrevista realizada em Guariba, 2006).

Inicia-se, então, o período de trabalho nos canaviais, da dura rotina imposta pelo horário do ônibus que, ainda de madrugada, circula pela periferia das cidades recolhendo os trabalhadores para levá-los ao eito da cana. No pôr-do-sol esses ônibus fazem o caminho inverso para deixá-los próximos de sua morada. Depois do banho e do jantar, o tempo livre é para conversar, ouvir rádio, ver televisão ou mesmo fazer pequenas incursões nos bares da esquina para bebericar alguma coisa e jogar sinuca

ou – uma vez por semana – jogar uma partida de futebol num terreno baldio. Ninguém ousa fazer noitadas mais “extravagantes” pelo cansaço do corpo e pelo dia seguinte, que começa de madrugada. Afinal, faltar ao trabalho ou chegar cansado significa baixa produtividade no corte da cana e risco de demissão.

Os trabalhadores da cana trabalham cinco dias consecutivos e descansam no sexto. O sistema é conhecido como cinco por um (5x1) e alterna os dias de descanso na semana. Neste dia os jovens passam grande parte do tempo assistindo à televisão e a shows das bandas de música que mais admiram. É comum nos alojamentos ter aparelhos de TV e de DVD, e os vídeos são adquiridos na feira, pirateados. Passam boa parte do tempo ouvindo música, também de CDs piratas, em seus aparelhos.

Interessante notar que nas entrevistas pudemos perceber que os jovens migrantes, sejam casados ou solteiros, vivem preferencialmente em um grupo restrito. Ou seja, interagem pouco com a sociedade local e mesmo com os jovens não-migrantes do bairro.

Cabe sublinhar aqui as diferenças entre a realidade dos jovens migrantes canavieiros e a realidade dos jovens criados na periferia das cidades canavieiras. De certa forma, poderíamos afirmar que “os jovens locais” fazem parte de outro segmento de juventude. Os seus pais também vieram para o corte da cana, estabeleceram-se nessas cidades e ali constituíram família. Seus filhos tiveram acesso à escola. Os pais não estimulam seus filhos para o trabalho no canavial. Desejam para eles outro futuro, outras possibilidades de trabalho menos duro e mais promissor. Apesar de procedentes de famílias pobres, esses “jovens locais” tiveram maiores e melhores oportunidades de inserção produtiva. Muitos deles já passaram por experiências diferentes de trabalho, tais como: funcionário no comércio, auxiliar de mecânico, garçom, sorveteiro, pedreiro, carpinteiro, carregador, feirante. Em termos de lazer, participam de grupos de skate, e em dias de festa é possível vê-los fazendo acrobacias em praça pública, assim como assistem a shows e/ou se apresentam com sua banda de música. Enfim, uso do tempo livre, lazer e cultura são produtores de identidades juvenis nos bairros periféricos dessas cidades.

Difícilmente os jovens nordestinos migrantes têm acesso a esses grupos. As exigências do trabalho no canavial não permitem. Além disso, do ponto de vista de nossos entrevistados, há preconceitos que atuam como barreiras para a sociabilidade juvenil.

“O tempo é curto para curtir a juventude, pra ser jovem. Chega o sábado e você já vai pensando na segunda-feira. As mulheres daqui não reconhecem o trabalhador da cana. Eles são desvalorizados. As meninas às vezes largam os cortadores de cana pra namorar aí uns que tão na rua, que não fazem nada. Discriminam os trabalhadores de cana, como se não fossem gente.” (L., 25 anos)

“Jovem, para arrumar namorada, não é fácil. As mulheres não querem ficar com alguém que venha de longe, que trabalhe no corte da cana.” (F., 25 anos)

A aproximação entre jovens migrantes e jovens locais é também dificultada pelas imagens que circulam – reificadas nos meios de comunicação – sobre a juventude das periferias (relacionada com violência, gangues e drogas, sobretudo crack). Essas imagens correntes, que tendem a generalizar os comportamentos que certamente são diferenciados, também dificultam namoros entre os jovens migrantes e as jovens locais. O que não quer dizer que eles nunca se encontrem nos bares e na zona de prostituição¹³.

No período de entressafra da cana o tempo e a disciplina a que estão sujeitos no trabalho do roçado dão lugar a maior tempo livre para diversão. Segundo contam, esse tempo é ocupado por programas de TV, músicas gravadas em CD e shows de bandas favoritas gravados em DVD. Esses programas são vistos pela manhã ou mesmo à tarde, individualmente, com familiares ou mesmo com a presença de amigos e amigas, pois não há responsabilidades com o trabalho. Nesse período é muito comum programas de lazer nas margens dos rios, como natação e pescaria, se as cidades estão próximas dos rios ou açudes. Para muitos, esse também é um tempo de repor as energias para uma nova viagem para o extenuante trabalho nos canaviais. Além disso, o tempo livre é utilizado para organização de festas ou mesmo para conversar na praça ou nos bares da cidade. Nesse ambiente começam os namoros. É comum encontrar moças jovens comprometidas, em companhia de parentes idosos, à espera daqueles que viajaram para o corte da cana em São Paulo.

No que diz respeito ao diálogo entre essas experiências recém-descritas e a formulação de demandas, podemos dizer que esses jovens – entrevistados aqui e que não se apresentam a partir da identidade juventude ou de grupos juvenis – não chegam a formular reivindicações de acesso ao esporte e ao lazer. A hipótese mais óbvia é que as restrições na área de educação e de inserção produtiva em sua vida são tão evidentes que acabam por silenciar demandas consideradas menos prementes. “O tempo é curto para curtir a juventude, pra ser jovem. Chega o sábado e você já vai pensando na segunda-feira.”

3.2.3 Demandas na interseção entre a saúde e trabalho

Demanda 6: Melhoria do atendimento dos postos de saúde existentes na área rural, com programas específicos voltados para a saúde da população jovem.

No que diz respeito às demandas de atendimento à saúde, os entrevistados sempre que podem afirmam a importância de ampliar o acesso a hospitais no Nordeste, em sua cidade de origem. Do ponto de vista dos jovens entrevistados, o governo deveria investir mais em escola e em hospitais na cidade onde mora a família. Já no que diz respeito ao atendimento médico na região canavieira, muitas histórias são contadas.

O que é ter sorte para você? Claudione, 23 anos, responde: define sorte como a ausência de acidentes de trabalho durante a colheita da cana. Segundo ele, esses acidentes significam câimbras (contrações musculares involuntárias), provocadas pelos movimentos repetitivos dos golpes de facão, e mordidas de cobras e animais peçonhentos dentro do canavial.

“Com a câimbra, as costas, os braços e as pernas ficam duros e o trabalhador não consegue fazer nenhum movimento”, afirma Claudione, ressaltando que já teve um irmão internado, vítima da fadiga muscular, e presenciou por diversas vezes a chegada de ambulâncias que prestam atendimento médico aos colegas, alguns deles vítimas de enfarte.

A picada de cobra representa grande perigo aos trabalhadores rurais. Causa dificuldade de abrir os olhos, paralisção muscular, visão dupla, sufocamento e até morte por parada cardíaca. O jovem também se recorda do caso de um companheiro de lavoura picado por uma cascavel que, dois dias após receber atendimento médico, foi reincorporado rapidamente ao trabalho. Já no sindicato, encontramos o jovem Valdivan, 23 anos, paraibano da cidade de Cajazeiras, reclamando do atendimento médico: “Ontem mesmo eu estava meio doído um pouco, passei no médico lá e o médico me deu um atestado de meia hora!”. Segundo ele, essa relação entre médico e paciente é “comprada”, o médico não olha com atenção para os trabalhadores.

Na realidade, o que está em jogo aqui não é a questão da saúde, dos direitos de todos os cidadãos de ter acesso à saúde. A questão diz respeito à complexa relação saúde e trabalho. Há usinas que disponibilizam planos de saúde para os trabalhadores, descontando do salário parte das despesas. Outros dependem do SUS. E, embora as cidades-dormitórios fiquem inchadas na época da safra e os serviços de saúde existentes fiquem sobrecarregados, comparada com o Nordeste a situação de São Paulo é avaliada positivamente. De fato, para os jovens canavieiros o que está em jogo é contornar os problemas de saúde até – pelo menos – o fim da safra.

Logo, “ter sorte é não ficar doente”, porque, com ou sem atendimento médico, as doenças diminuem ou impedem a produtividade almejada. Assim como se declarar com problema de saúde é se candidatar à poda. Talvez por isso mesmo não seja comum ouvir demandas explícitas sobre acesso a equipamentos de saúde. A Pastoral e o sindicato, como veremos no próximo item, também se envolvem na relação saúde e trabalho.

4. Percepções sobre a Pastoral, o sindicato e recados aos governantes

4.1 O jovem canavieiro e a Pastoral dos Migrantes

A Pastoral dos Migrantes é uma das pastorais sociais, ligada ao setor de Pastoral Social da CNBB. O trabalho pastoral é uma ação da Igreja Católica junto aos migrantes temporários, por meio de visitas, presença no cotidiano de sua vida, defesa dos seus direitos, acolhida e evangelização. A Pastoral do Migrante está vinculada às Dioceses e Paróquias locais de origem e destino dos trabalhadores migrantes. Organizada por padres, irmãs e agentes pastorais leigos, integra uma rede de relações entre comunidades e paróquias, que inclui visitas ao local de moradia, programas de rádio, celebrações, missões populares, seminários e distribuição na origem e no destino do jornal informativo *Cá e Lá*.

A Pastoral dos Migrantes realiza inúmeras atividades, dentre as quais destacamos as missões nas regiões de origem e destino desses trabalhadores. Elas consistem em deslocamento de agentes pastorais para vivenciar experiências de vida com as comunidades e realizar o trabalho de evangelização.

A Pastoral não tem uma linha de trabalho específica com a juventude, mas acompanha de perto os jovens migrantes e suas famílias. Como já foi dito, coloca em sua agenda de “conscientização” o que considera “os problemas dos jovens”, isto é, aqueles relacionados a desintegração da família, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, violência e drogas. Desenvolvendo seu trabalho por meio de reuniões, atividades culturais e ações sociais, a Pastoral dos Migrantes tem atraído muitos jovens para os seus quadros.

Por exemplo, Jadir Ribeiro, hoje estudante de Direito e um dos principais assessores da Pastoral, também chegou como migrante do Vale do Jequitinhonha e foi canavieiro. Carlos Pereira concilia o trabalho de assessoria da Pastoral com estudos de doutorado, na área de Sociologia da Unicamp, sobre migrações de jovens do Vale do Jequitinhonha para os canaviais de São Paulo (e para o exterior) com apoio da Pastoral. O jovem Elias tem 22 anos, também já cortou cana e hoje trabalha nas missões da Pastoral. Foi ele que nos acompanhou aos alojamentos para realizarmos as entrevistas com os jovens trabalhadores migrantes. Observando essas trajetórias podemos dizer que esses agentes da Pastoral têm familiaridade com as questões da cana e sabem como se aproximar dos jovens trabalhadores.

A presença das freiras nesses espaços também legitima a intermediação e gera confiança. Embora só um jovem tenha se declarado evangélico durante o bate-bola final (que não obrigava todos a responder), por nossa observação, podemos dizer que, dos 40 jovens entrevistados, cerca de cinco eram evangélicos. No Nordeste, os católicos predominam, mas esse dado não indica o peso da cultura católica entre os migrantes canavieiros. Ainda assim, a Pastoral faz questão de dizer que também atende migrantes de outras religiões. O esforço ecumênico (“religiosamente correto”) também se fez presente nas respostas dos jovens entrevistados, que, indagados (no bate-bola final) sobre outras religiões, não disseram nada ou disseram “normal”.

A Pastoral dos Migrantes trabalha com a noção de “direitos dos trabalhadores”¹⁴. Embora seus agentes afirmem que não se trata de “conscientização política”, a aproximação da Pastoral costuma ter efeitos políticos. É o caso de Dionísio. Na década de 80, Dionísio, jovem, canavieiro, migrante, saiu do corte da cana para se dedicar ao trabalho da Pastoral dos Migrantes de Guariba. Em uma entrevista publicada do livro *No eito da cana*, em 2003, ele conta sua experiência:

Em 1986 e 1987 eu morei em alojamento de usina. Lá eu conheci os padres da igreja de Dobrada, que trabalhavam na Pastoral dos Migrantes. Eu comecei a prestar atenção naquilo que eles falavam, eu comecei a perceber que a gente vivia uma vida lascada, que a usina dava dinheiro, mas o dinheiro não vinha para a gente. Depois que eu comecei a participar dos encontros da Pastoral dos Migrantes eu comecei a perceber como os trabalhadores são explorados. A própria greve de Guariba começou a mexer comigo. Eu comecei a perceber que era preciso haver uma mudança e que essa mudança depende de nós. Quantas vezes a gente esperou pelo político para resolver nossos problemas, quantas vezes a gente foi iludido pelos empresários, pelos donos da usina. O negócio vai ter que partir de nós mesmos, e assim comecei a perceber as dificuldades e entrei para a Pastoral (*No eito da cana*, p. 44, 2003).

No depoimento de Dionísio surgem dois personagens que são considerados opositores dos canavieiros: o empregado que fica com o dinheiro; e os donos de usina, os políticos. Nem sempre os jovens trabalhadores atendidos pela Pastoral têm a mesma percepção. O desafio da Pastoral não é só incentivar a luta pelos direitos. O trabalho na Pastoral de Guariba consiste em dar apoio e prestar solidariedade aos migrantes que chegam à região de Ribeirão Preto. É um trabalho de “acompanhamento” em que cabem tanto a evangelização, as celebrações, as atividades culturais como os encontros para conscientização dos trabalhadores sobre seus direitos.

Em momentos de crise – sejam doenças, enterros, brigas familiares, gravidez – costuma-se recorrer à Pastoral.

Nos últimos anos a ação da Pastoral tem se voltado para denúncias das precárias condições de trabalho e das mortes de trabalhadores por excesso de trabalho. Essas denúncias têm ecoado na sociedade, levado à maior fiscalização das condições de trabalho pelas autoridades e intensificado a realização de audiências públicas para tratar essas questões, organizadas pelo Ministério do Trabalho, Procuradoria Regional do Trabalho e da Promotoria Pública.

4.2 O jovem migrante e o sindicato

No Nordeste fomos informados de que os jovens passaram a procurar mais os sindicatos quando projetos governamentais – de acesso ao crédito e à terra – começaram a ser administrados pelas entidades. Mesmo assim, são poucos, dadas as exigências dos projetos, associadas às dificuldades de sua implementação. Também se destaca o fato de muitos jovens não conhecerem tais projetos. Isabel Souza, 19 anos, filha de agricultores e atualmente funcionária da prefeitura do município de Elesbão Veloso, Piauí, observa:

“O futuro melhor para os jovens tem que ser construído através da conscientização dos jovens. Para isso os jovens precisam ter conhecimento de seus direitos e deveres. É verdade que faltam empregos, cursos de capacitação e possibilidades de estudos na cidade. Mas há muitos projetos e recursos que não são explorados pelos jovens por desconhecimento, falta de informação, orientação e interesse. Os jovens estão acomodados perante a situação em que se encontram. Não apostam em desafios. Eles não têm ganância. Eles deveriam apostar mais neles para que possam fazer coisas novas”.

Para Isabel os jovens do município precisam romper com certo comodismo e buscar informações sobre os programas governamentais e sobre os seus direitos. Diz ela que na prefeitura existem recursos para atividades com jovens que, por não serem utilizados, são remanejados para outras atividades.

Por outro lado, jovens entrevistados no Nordeste disseram que não procuram os sindicatos, pois para eles muitos dirigentes sindicais estão alheios aos seus problemas. Na pesquisa realizada em municípios dos estados do Maranhão e do Piauí, encontramos dirigentes sindicais financiando as despesas de jovens para migrarem em troca de apoio na eleição sindical ou mesmo municipal (muitos dirigentes sindicais estão inseridos nas disputas políticas locais). Nesse contexto, “ajuda para viajar” pode compor o quadro de clássicas relações clientelistas, baseadas na troca de pequenos favores.

E, feita a viagem, o que se passa com os jovens e o sindicato? Valdivan foi entrevistado no Sindicato de Empregados Rurais de Cosmópolis e região. Pedimos para ele nos contar sobre sua história de vida e como havia ingressado no corte da cana. Ele sempre trabalhou com agricultura, ajudava a família no roçado da terra própria no Nordeste. Veio ao sindicato acompanhado de dois outros jovens trabalhadores. Valdivan nos contou que tinha ido até o sindicato para fazer uma reclamação: acreditava que estava sendo roubado no seu pagamento. Ele acha que aquele sindicato apóia os trabalhadores e os respeita.

A relação dos jovens com os sindicatos da zona canavieira tem como foco o cumprimento dos direitos trabalhistas. Os sindicatos não possuem uma política específica – com atividades e demandas que considerem o recorte etário – para os trabalhadores jovens, migrantes. Esses jovens procuram o sindicato de forma eventual: quando necessitam de assistência médica, quando os sindicatos fazem a negociação com os patrões nas paralisações das turmas e nas greves da categoria, quando o sindicato fiscaliza as condições de trabalho.

No grupo de jovens entrevistados, todos conhecem o sindicato, mas poucos acompanham a luta sindical, a luta pelos direitos trabalhistas. Procurar ou não os serviços do sindicato depende de várias circunstâncias, dentre as quais destacamos a confiança na diretoria, na sua capacidade de resolução dos problemas. No universo da pesquisa encontramos vários matizes nas relações entre os jovens e o sindicato. Vejamos dois exemplos polares:

a) O primeiro foi narrado por Lucélio, 25 anos, vindo do Nordeste, casado, que vive com a família no município de Engenheiro Coelho (SP). Ele é “quase um sindicalista”, está bem envolvido com o trabalho sindical. Disse que “sem o sindicato a situação poderia estar ainda pior”. Lucélio participou da comissão de negociação do sindicato, em 2007, que discutiu com os empresários a pauta de reivindicação dos trabalhadores. Essa participação demonstra a liderança do jovem entre os trabalhadores e o reconhecimento da diretoria do sindicato.

b) Retiramos o segundo exemplo de uma entrevista – já citada neste relatório – com o jovem Claudione, 22 anos, realizada em Elesbão Veloso, no Piauí, na qual ele diz que irá contratar pessoalmente um advogado para conseguir seus direitos não contemplados pela usina, pois o sindicato “nunca apareceu por lá”.

Por um lado, os trabalhadores expressam desconfiança em relação aos encaminhamentos de suas questões dados pela diretoria do sindicato. Essa desconfiança pode estar respaldada no distanciamento, da diretoria do sindicato, de suas bases. Por outro lado, do ponto de vista das lideranças sindicais, existe uma série de problemas que dificultam a participação dos jovens canavieiros migrantes, dos quais destacaremos dois.

O primeiro está relacionado à grande mobilidade dos trabalhadores migrantes, que trocam de empregador, de empreiteiro e de cidade de uma safra para outra, o que dificulta a criação de uma relação com a diretoria do sindicato que, por estatuto formal, tem sua atuação circunscrita a uma área territorial específica.

O segundo, e mais complicado, diz respeito ao rígido controle exercido pelos turmeiros, empreiteiros e usineiros sobre os trabalhadores migrantes. Procurar o sindicato para resolver problemas trabalhistas pode significar perseguições e, até mesmo, risco de demissão, independentemente da justiça do pleito. Diante dessa realidade muitos jovens procuram as pastorais para fazer discretamente suas denúncias e obter orientação.

A indagação que fica é como adequar a atual estrutura sindical ao perfil desses trabalhadores e à dinâmica desse segmentado mercado de trabalho.

4.3 Recados aos governantes

Para finalizar as entrevistas, solicitamos que os cortadores de cana, jovens migrantes nordestinos, de 18 a 29 anos, enviassem recados aos governantes. Em seguida, transcrevemos alguns deles.

“Se o governo tivesse mais água, mais depósito de água, tivesse irrigação, o pessoal ficava lá!”

“A juventude de hoje tem muitos sonhos, que não consegue realizar pela falta de emprego, e o jovem deixa de ser jovem quando deixa de acreditar em seus sonhos e objetivos. Se tivesse poder para decidir onde investir o dinheiro público, seria em educação para os jovens, cursos profissionalizantes e primeiro emprego.”

“Dar condições para que possam trabalhar e estudar, dar um salário maior, mais reconhecimento pelo serviço e dignidade. Queria parar de trabalhar para os outros, conseguir alguma coisa para trabalhar para mim mesmo. E gostaria que isso acontecesse também para os meus amigos que batalham no dia-a-dia, que largam a família, e eu também sou um deles... E ser reconhecido no mundo, somos trabalhadores honestos que enriquecem o Brasil pelo serviço que a gente faz. Que o governo olhasse pra gente, sobre esse trabalho que a gente faz. E aqui dentro, nós que estamos valorizando o país, lá fora não somos valorizados. Isso que eu gostaria de mudar. Ter mais dignidade, mais valor e um salário melhor, pra gente melhorar mais pra gente ter uma estrutura de vida e saúde.”

“Trabalhar na cana perde a mocidade; o jovem não deveria trabalhar na cana, deveria ter outro trabalho para o jovem.”

“Deveriam dar apoio aos trabalhadores das áreas rurais, que tem vezes que não dá apoio nenhum. Merecia mais um pouquinho de apoio, um salário melhor, porque o que ganha tá muito pouco, o ganho da turma. Tem que ralar muito pra ganhar, pra sobreviver, que isso aí é pouco para o trabalhador.”

“Eu pediria pros governantes do nosso país, né, valorizarem os trabalhadores, os rurais. Não só os cortadores de cana, mas todos os trabalhadores rurais... principalmente na cana; valorizar, dar mais dignidade e apoio pra gente conseguir trabalhar e estudar no corte da cana ao mesmo tempo. É só isso que eu pediria pra eles, pra gente.”

“Investir em escola, nos hospitais e no trabalho. Mais trabalho. A gente quer que eles se dediquem também ao trabalhador. Com mais emprego a violência vai acabar.”

Esses recados são auto-explicativos, dispensam comentários. No entanto, cabe, ainda, relatar como os entrevistados responderam à seguinte indagação: “Você já ouviu falar em políticas públicas de juventude?”. Quase todos responderam nunca ter ouvido falar, não conhecer. Um deles disse que só conhecia um programa “que tinha para as crianças estudarem, que a família recebia um dinheiro pra manter as crianças na escola”. O único que respondeu afirmativamente foi Lucélio, de 25 anos, o mesmo jovem que participa das negociações trabalhistas no Sindicato de Cosmópolis. Ele disse que conhecia “Políticas de Juventude” lá onde morava:

“A prefeitura fazia mutirões pra tirar documentos, fazer tratamento de dentes etc. de três em três meses, com área de lazer na comunidade, na zona rural... Se tivesse isso em todos os lugares, o jovem ia se sentir mais valorizado, ia se sentir vivendo como um jovem”.

5. Considerações finais

Diante do restrito campo de possibilidades que sua condição social lhes impõe, esses jovens trabalhadores buscam tirar todas as vantagens possíveis da idade, do vigor da força física e de alguma escolaridade atingida. De seu ponto de vista, são muitas as dificuldades para enfrentar o presente e realizar seus projetos futuros. A enxada e o facão – a alternância entre o trabalho no roçado e o trabalho na cana – têm lhes permitido comprar itens de consumo e bens duráveis, mas esses mesmos instrumentos os distanciam do manuseio do lápis, da escrita e da leitura. Sem os estudos, eles vêem crescer as dificuldades para o futuro. Não por acaso, todos desejam voltar a estudar. Mas esse objetivo precisa se adequar às exigências da enxada e do facão. Após vivenciarem certo nível de emancipação perante a família, conciliar trabalho e estudo é o que desejam.

Na verdade esses jovens vivem vários sentimentos contraditórios: sair do corte da cana é um desejo de todos, mas esse trabalho tem sido visto como a salvação de todos; sem ele seria pior. O sentimento contraditório fica mais claro quando surgem observações que anunciam o fim do corte manual na cana, isto é, o fim de um nicho de mercado que absorve jovens com pouca escolaridade.

Do nosso ponto de vista, não há interesse na completa mecanização nem condições para que isso aconteça, o que não quer dizer que as formas de complementaridade entre o corte mecânico e o manual não se modifiquem no correr do tempo. Uma dessas mudanças resultou na exigência de produtividade e na meta de produção das usinas, segundo as quais cada trabalhador deve atingir 10 toneladas de cana por dia. De certa forma isso já é consequência da presença das colheitadeiras de cana que fazem parte da paisagem rural no interior de São Paulo e a modificam. As máquinas desafiam, cada dia mais, os trabalhadores, exigindo-lhes continuamente maior produtividade. O resultado tem sido recrutamento, seleção e recontração em outra safra cada vez mais rigorosa. Nesse cenário, já são muitos os jovens migrantes que não conseguem cumprir as metas de produtividade e são descartados em plena safra. Já não é tão raro que saiam ônibus para levar de volta, para sua cidade, jovens

demitidos antes do término da safra. Assim, o mercado de trabalho para esses jovens se restringe e se especializa. Registramos casos de usinas que antes precisavam de 5 mil trabalhadores no corte manual para cumprir suas metas e hoje as cumprem com apenas 2 mil trabalhadores altamente produtivos.

Diante desse quadro, cabe a questão: como responder às demandas desse segmento juvenil? Ouvindo esses jovens trabalhadores parece que fica cada vez mais clara a necessidade de mudanças simultâneas e específicas nas diferentes regiões do país.

No Nordeste, é preciso reverter a situação desses jovens, que tem se agravado pelas dificuldades de acesso à terra e de sobreviver com os ganhos da pequena produção familiar. Para tanto, é preciso apoiar mais iniciativas juvenis criativas e empreendimentos que possam absorver os jovens. Os projetos de apoio à pequena produção familiar estão voltados para as famílias, e nem sempre chegam a constituir perspectivas para essa juventude. É preciso que se ampliem e se diversifiquem as possibilidades de inserção produtiva para que as migrações de jovens passem a ser escolhas menos compulsórias. Se diminuirmos os fatores que caracterizam a disparidade regional, os jovens nordestinos se apresentarão nos canaviais paulistas em menor número e, por conseguinte, estarão menos vulneráveis, serão menos descartáveis.

Nos canaviais paulistas, trata-se de aprimorar os mecanismos de controle da metragem e do peso da cana cortada, de reduzir o padrão de produtividade imposto pelas usinas no corte manual para retirar os trabalhadores de um ritmo alucinante de trabalho que desafia os limites da capacidade física, tornando os jovens vulneráveis às doenças e à virtualidade de morte prematura. Tais medidas poderiam evitar as cruéis conseqüências da paradoxal convivência entre situações de trabalho indigno e a retórica dos prêmios e da auto-estima.

Notas

- 1 Luís Baleotti atribui a expansão do sistema mecanizado de corte à falta de mão-de-obra e ao crescimento da atividade canavieira que acelera a mecanização no Brasil. O autor afirma que, em 2002, a Case IH, líder de mercado no fornecimento de colheitadeiras de cana, comercializou 35 máquinas no Brasil, recorde histórico de vendas na época. O mercado brasileiro deve absorver 180 colheitadeiras de cana novas em 2006, contra as 130 máquinas comercializadas em 2005. Com as 90 novas usinas de açúcar e de álcool que serão instaladas até 2013 e com a ampliação das unidades já existentes, a área plantada com cana-de-açúcar passará dos 5 milhões de hectares para 9 milhões de hectares no mesmo período. Hoje apenas 30% dos 5 milhões de hectares da área cultivada com cana no país são colhidos por máquinas. São Paulo, com 75% do total, lidera o ranking da mecanização (“Máquinas invadem os canaviais”, Revista Alcoolbrás, número 102).
- 2 Esse elenco de demandas foi construído com base em uma consulta aos documentos da Contag (Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura), do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve).
- 3 O Projeto Migrações foi realizado por meio de uma articulação de pesquisadores de quatro universidades federais – UFRJ, UFSCar, UFPI, UFMA – e apoiado pelo Ministério da Educação. A coordenação do projeto ficou a cargo do prof. Francisco José da Costa Alves, da UFSCar, e de José Roberto Novaes, da UFRJ. As pesquisas foram realizadas nos estados do Maranhão e Piauí (nos municípios e nas regiões de grande concentração de trabalhadores migrantes) e no estado de São Paulo, particularmente nas regiões de Ribeirão Preto e Campinas. O projeto foi finalizado em 2007 com a produção de um livro e um filme documentário sobre as migrações de trabalhadores do Maranhão e do Piauí para o corte da cana nas modernas usinas paulistas.
- 4 Vale destacar que na região canavieira não identificamos a presença da Pastoral da Juventude. No entanto, há casos em que jovens que vêm cortar em São Paulo contaram que participam de “grupos de jovens” ligados à Igreja Católica no Nordeste.
- 5 No final das entrevistas (bate-bola) também indagamos sobre “igualdade entre homens e mulheres”. A resposta de Sandra, 24 anos, se destacou: “Tá tudo igual, mas falta os homens perceberem”. Assumindo a condição feminina, essa jovem indicou a persistência de machismo entre jovens canavieiros. Já as outras respostas enfatizaram a igualdade entre gêneros destacando o fato de as mulheres também enfrentarem o serviço pesado. Nesse âmbito, a possibilidade de as mulheres trabalharem na cana é o indicador máximo da igualdade. Por outro lado, é interessante notar que os jovens que não contam com a ajuda feminina nas casas e alojamentos fazem todas as tarefas domésticas, rompendo com padrões nordestinos.
- 6 Lembramos que, como já foi dito, do início até o fim do contrato esses trabalhadores ficam totalmente disponíveis para a empresa, que pode controlar todas as horas de sua vida, inclusive aquelas em que eles se encontram fora do trabalho. Esse expediente evita qualquer tipo de desconcentração que possa prejudicar a produtividade. Tal controle pode se iniciar no momento da arregimentação, no local de origem, ou na contratação em São Paulo.
- 7 No caso dos migrantes cortadores de cana há empresas contratantes que se comprometem a perdoar os adiantamentos realizados para a viagem (passagens e diárias). Esses acertos são feitos no final da safra. Se houver rompimento do contrato de trabalho temporário com o safrista, por parte dos trabalhadores, as despesas da viagem serão descontadas no acerto de contas. Como os trabalhadores não têm disponibilidade financeira para assumir os ônus, ficam obrigados a cumprir o contrato, perdem a liberdade, tornam-se cativos. O contratante poderá ser autuado por essa prática de trabalho análogo ao de escravo.
- 8 Tais entrevistas foram realizadas no âmbito de uma pesquisa sobre migrações de trabalhadores do Nordeste – particularmente do Maranhão e do Piauí – para o corte da cana das modernas usinas paulistas. A pesquisa envolve o Instituto de Economia da UFRJ, ao qual estou vinculado, e pesquisadores das universidades federais de São Carlos-SP, do Maranhão e do Piauí, e conta com o apoio do Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Superior. Um livro e um filme documentário sobre as condições de vida e de trabalho desses trabalhadores no Nordeste e em São Paulo, explicitando as causas e os efeitos dessas migrações no interior do país, estão em fase de finalização.
- 9 Sobre migrações do Nordeste ver Garcia (1989), Moraes, M. (1999), Carneiro (2007), Menezes (2002), Salles (1982), Moraes, D. (2007) e Rezende (2004).
- 10 Aproveitamos este momento para dizer que - entre os jovens entrevistados - as respostas sobre “integração da América do Sul” foram vagas, não nos permitindo saber muito. Por exemplo: “pode ter uma integração”; “os estrangeiros vem pro Brasil e os daqui vão estudar lá, sempre buscando aprender alguma coisa”; “aventura”. Outros não se dispuseram a responder esta questão.
- 11 “Não foi comigo, mas um amigo me contou, foi onde doeu muito na gente que vem da Paraíba. Foi sobre um cortador de cana que ia passando na rua e uma mulher ia passando com o cachorrinho dela, um carro matou o cachorrinho dela, e ela olhou assim e falou: ‘Tanto paraíba aqui e deixou de matar, vem matar meu cachorro!’” (V., 29 anos)
- 12 O Pronaf foi criado em 1996 no contexto das lutas pela “reconversão da estrutura produtiva” dos agricultores familiares. Tem como estratégia o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural.
- 13 Indagados sobre o tema da sexualidade, os jovens enfatizaram principalmente o fato de hoje já poder falar sobre o assunto. Duas respostas para ilustrar: “Hoje tá tudo público”; “Antes não podia muito falar nisso. Hoje tá todo mundo falando um para o outro, explicando”. Outro ponto causou polêmica: casamento entre pessoas do mesmo sexo. Vejamos alguns exemplos. Nonato, de 23 anos, foi incisivo: “Uma vergonha”. Já Domar, de 18 anos, disse: “Paz”. Sandra, 24 anos, disse: “Sem preconceitos”. Carlos, 27 anos: “Não é normal, não tem como explicar”. Sem podermos nos aprofundar no assunto, podemos arriscar que as mulheres e os com menos idade teriam mais abertura com o tema.
- 14 Neste momento é importante lembrar que a questão “jovem com deficiência” (bate-bola final) foi objeto de muitos silêncios. As poucas respostas obtidas remeteram à dificuldade de “explicar a coisa mais ruim que tem”. De maneira geral, o tema é tratado no âmbito da solidariedade cristã, longe da seara dos direitos de cidadania.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco José da Costa.

"Modernização da agricultura e sindicalismo rural" (tese de doutorado). Instituto de Economia/Unicamp, 1992, Campinas-SP.

BONETTI, Marcos.

"Aumento da produtividade do trabalho na cana". Suplemento Agrícola do jornal O Estado de S.Paulo, 1992, São Paulo.

Conjuve – Política Nacional de Juventude. Diretrizes e perspectivas. Conselho Nacional de Juventude, 2006.

Contag. Grito da terra, 2006, Brasília.

GARCIA JR., Afrânio.

O Sul: caminho do roçado. Estratégia de reprodução camponesa e transformação social. Editora Universidade de Brasília e CNPq, 1989, Brasília.

MENEZES, Marilda Aparecida.

"Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes". Editora UFPB, 2002, João Pessoa.

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – Pauta para a Juventude, 2006.

NONINO, Carlos Alberto.

"Bóia fria rende mais no canavial". Artigo publicado no Suplemento Agrícola do jornal O Estado de S.Paulo, 1992, 12/1/1994, São Paulo.

NOVAES, José Roberto & ALVES, Francisco.

"No eito da cana". Editora Rima, 2002, São Carlos.

NOVAES, José Roberto.

"O Nordeste canavieiro: mudanças nas relações de trabalho e nas relações de poder" (tese de doutorado). Instituto de Economia/Unicamp, 1994, Campinas-SP.

NOVAES, José Roberto Pereira.

"Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas". Revista Estudos Avançados, 21(59), 2007.

PADRÃO, Luciano Nunes.

"Processo de trabalho em tempo de reestruturação produtiva: estratégia de controle na agroindústria" (dissertação de mestrado). UFRRJ, 1996, Rio de Janeiro.

SALES, Tereza.

"Agrestes, agrestes: transformações recentes na agricultura nordestina". Editora Paz e Terra, 1982, Rio de Janeiro.

SCOPINHO, Rosemeire et alii.

"Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar". Caderno de Saúde Pública, 15(1): 147-161, jan-mar, 1999, Rio de Janeiro.

SILVA, Maria Aparecida Moraes.

"As andorinhas nem cá, nem lá" – Recursos visuais na pesquisa social. Caderno Ceru, 1988. São Paulo: vol. 9, n.º 2, pp. 29-45.

"Errantes do fim do século". Edunesp, Editora Unesp, vol. 1, p. 367, 1999. São Paulo.

"Trabalho e trabalhadores na região do mar de cana e rio de álcool". Encontro "Trabalhadores Canavieiros: educação, direito, trabalho", UFSCar, 2005, São Carlos-SP.